

O GALO

ANO XIII - Nº 09 - Outubro 2001

NATAL-RN

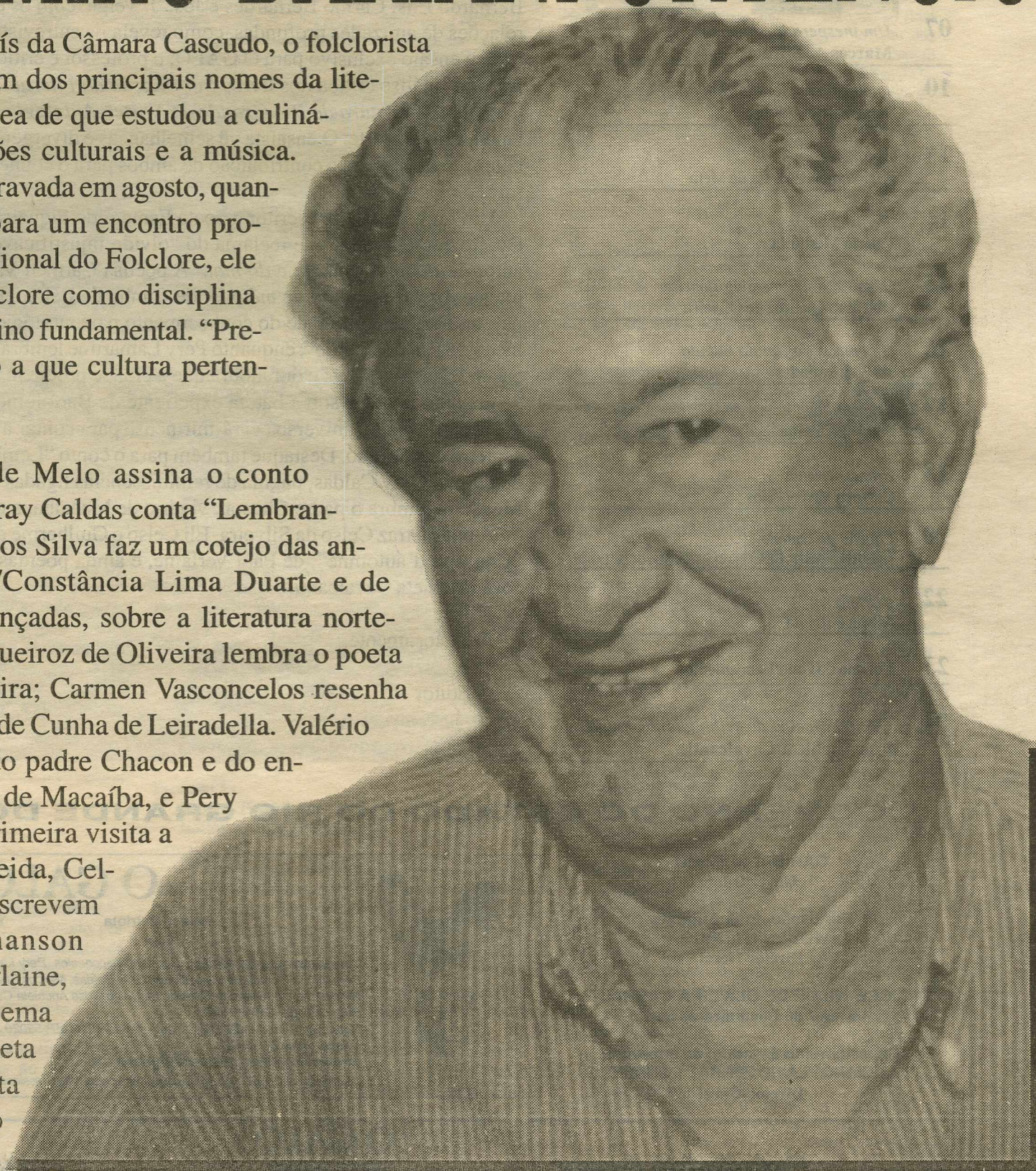
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

WALDOMIRO BARIANI ORTENCIO

Discípulo assumido de Luís da Câmara Cascudo, o folclorista Bariani Ortencio é hoje um dos principais nomes da literatura do Centro-Oeste, área de que estudou a culinária, a medicina, as tradições culturais e a música. Em entrevista ao GALO, gravada em agosto, quando de sua vinda a Natal para um encontro promovido pelo Instituto Nacional do Folclore, ele defende a inclusão do folclore como disciplina regular do currículo do ensino fundamental. "Precisamos saber desde cedo a que cultura pertencemos".

Ainda nesta edição:

Bartolomeu Correia de Melo assina o conto "Beatitudes", e Dorian Gray Caldas conta "Lembranças de São Romão"; Marcos Silva faz um cotejo das antologias de Diva Cunha/Constância Lima Duarte e de Tarcísio Gurgel, recém-lançadas, sobre a literatura noroeste-grandense; Ubiratan Queiroz de Oliveira lembra o poeta e crítico Esmeraldo Siqueira; Carmen Vasconcelos resenha um novo romance policial de Cunha de Leiradella. Valério Mesquita traça os perfis do padre Chacon e do engraxate "Zé Jeep", ambos de Macaíba, e Pery Lamartine lembra a sua primeira visita a Natal. Guilherme de Almeida, Celso da Silveira e Eli Celso escrevem variações sobre a "Chanson d'Automne", de Paul Verlaine, Nilson Patriota assina o poema "As irmãs", e José Anchieta Cavalcanti revela-se poeta com a "Ode ao espelho do velho guarda-roupa".



03 Entrevista

Em conversa com o jornalista **Nelson Patriota**, sobre folclore, ficção e diferenças culturais brasileiras, o escritor e músico goiano/paulista Bariani Ortencio, explica por que considera o folclore uma disciplina tão importante quanto a matemática e português para o ensino fundamental. Ele fala também da longa amizade que teve com o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo, e das lições que dele recebeu.



- 07 *Um inesperado universal*
Marcos A. Silva
- 10 *Lembranças de São Romão*
Dorian Gray Caldas
- 11 *Beatitudes*
Bartolomeu Correia de Melo
- 14 *Perfis Populares*
Valério Mesquita
- 15 *O inolvidável Esmeraldo Siqueira*
Ubiratan Queiroz de Oliveira
- 16 *O começo do fim do mundo*
José Melquíades
- 17 *Natal deslumbrante*
Pery Lamartine
- 18 *Crimes perfeitos*
Carmen Vasconcelos
- 20 *Canção do Outono*
Celso da Silveira, Eli Celso e Guilherme de Almeida
- 22 *As irmãs*
Nilson Patriota
- 23 *Correio do Galo/Lançamentos*
- 24 *Ode ao espelho do velho guarda-roupa*
José Anchieta Cavalcanti

Folclore, Verlaine e antologias literárias

Em sua "Cartilha do folclore brasileiro", Bariani Ortencio propugna a inclusão do folclore como matéria curricular do ensino fundamental. Argumenta o escritor goiano de origem paulista que o folclore é um saber essencial para o conhecimento de nossas origens culturais. Este é um dos assuntos sobre o qual conversa com o jornalista Nelson Patriota, na entrevista que abre esta edição. Músico, ficcionista, pesquisador da história da alimentação, pelo que é grato ainda hoje ao historiador Câmara Cascudo, ele se revela um intelectual inquieto e preocupado com a preservação da cultura popular brasileira. A jovem literatura goiana é também uma matéria de grande interesse de Bariani Ortencio, pela importância de escritores como Bernardo Élis, Carmo Bernardes e José J. Veiga, com os quais o escritor manteve relações de amizades profundas, como revela na entrevista.

Em ensaio exclusivo para O GALO, o professor e crítico literário Marcos Silva faz uma análise crítica dos livros *Informação da Literatura Potiguar*, de Tarcísio Gurgel, e *Literatura do Rio Grande do Norte - Antologia*, de Diva Cunha e Cons-tância Lima Duarte. O ensaísta vê semelhanças e divergências entre esses dois trabalhos, mas ressalta a contribuição de ambos para o conhecimento da nossa literatura.

Um breve perfil do escritor e poeta Esmeraldo Siqueira é traçado por Ubiratan Queiroz de Oliveira, que reclama do "olvido injustificável" a que foi relegado o autor de *Poemas do bem e do mal*. A poetisa Carmen Vasconcelos analisa o romance *Apenas questão de método*, de Cunha de Leiradella; José Melquíades se pergunta sobre a utilidade do conhecimento paleontológico em seu ensaio "O começo do fim do mundo", enquanto Pery Lamartine lembra a primeira visita a Natal e a atração irresistível e duradoura que a cidade produziu na sua sensibilidade.

O conto aparece sob a batuta experiente de Bartolomeu Correia de Melo, que volta outra vez ao universo ceará-mirinese para contar a saborosa história de um santeiro desvairado. Destaque também para o conto "Lembranças de São Romão", de Dorian Gray Caldas, página de reminiscências ligadas à figura paterna. Valério Mesquita lembra o padre Chacon, vigário de Macaíba, e o engraxate "Zé Jeep".

A poesia traz Celso da Silveira, Eli Celso e Guilherme de Almeida parodiando a "Chanson d'automne", de Paul Verlaine, e ainda poemas de Nilson Patriota e de José Anchieta Cavalcanti.

Atenciosamente,

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
LUCIANO FLÁVIO FERRAZ PORPINO
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Carmen Vasconcelos, Pery Lamartine, Ubiratan Queiroz de Oliveira, Bartolomeu Correia de Melo, Dorian Gray Caldas, Marcos Silva, Valério Mesquita, José Melquíades, Nilson Patriota, Celso da Silveira, Eli Celso, José Anchieta Cavalcanti, Iran Pereira e Clóvis Tinoco.

Foto da capa: Clóvis Tinoco.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020-220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342.

E-mail do editor: nelson@digl.com.br

A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

WALDOMIRO BARIANI ORTENCIO

Na terceira semana de agosto passado, o folclorista Bariani Ortencio visitou Natal, quando participou da IV Semana de Artes Integradas, evento promovido pelo Instituto Nacional do Folclore e Comissão Norte/Nordeste de Folclore, cujo tema foi "Folclore e turismo". Autor de uma vasta obra sobre as tradições populares do Centro-Oeste, notadamente do estado de Goiás, Bariani transita com facilidade em outras áreas da cultura, como música, paleontologia, matemática, ficção etc. Na entrevista abaixo, que deu ao jornalista Nelson Patriota, por ocasião da sua estada em Natal, Bariani Ortencio fala da sua relação com o folclore e com os folcloristas, com destaque para sua amizade com Câmara Cascudo, e advoga a inclusão dos estudos folclóricos no currículo do ensino fundamental.

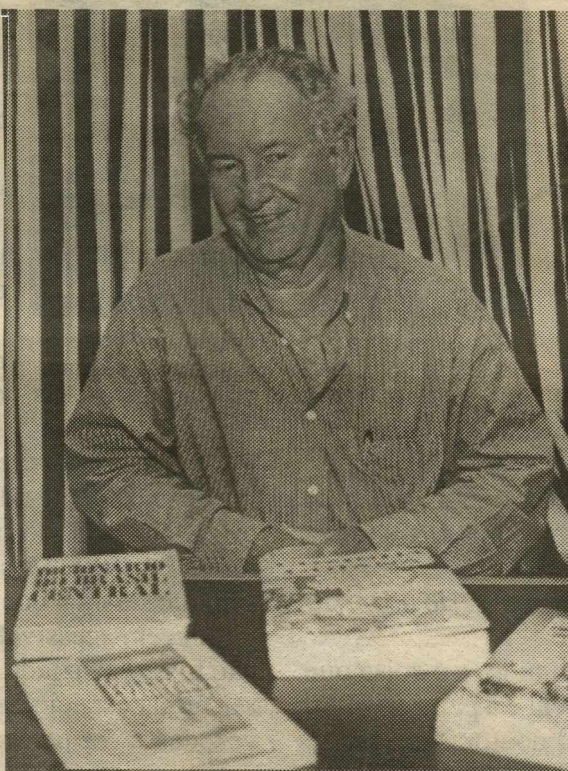
Nelson Patriota

O GALO – Após dezenas de anos dedicados aos estudos do folclore, que opinião você faz desse saber popular hoje?

Waldomiro Bariani Ortencio – O folclore é uma disciplina perigosa, porque depende de coisas ancestrais, que vêm e vão. E a modernidade tende a acabar com tudo, esse progresso desordenado tende acabar com tudo. Vim aqui para discutir essa parte do folclore na escola, porque em Porto Alegre um professor me propôs uma coisa que acho necessária: o folclore fazer parte como disciplina no curso fundamental. Acho o folclore tão importante quanto a matemática (e olhe que sou também professor de matemática) e o português na formação dos alunos, pois é necessário eles saberem das suas raízes, que estão fincadas nas tradições populares que passam de pai para filho, de avô para neto, sertão afora e através de toda a dinâmica da vida rural em todo o Brasil.

O GALO – E de que forma pode-se conciliar o folclore com as tendências da modernidade?

W.B.O. – Acho que o turismo é um exemplo dessa boa convivência entre tradição e modernidade. Uma das grandes indústrias do Brasil hoje em dia é o turismo. Em Natal é fundamental, você vê a praia de Ponta Negra cheia de restaurantes e hotéis um do lado do outro. Isso é o turismo. Aqui no nordeste é talvez a indústria em maior crescimento, responsável pela criação e manutenção de milhares de empregos. Aliás, o turismo é uma indústria florescente em todo o mundo. A exemplo da França, da Espanha, da Itália, que retiram grande parte de suas receitas do turismo. Só que o folclore, para o turismo, tem dois gumes: divulga, mas destrói também. O turismo é um espetáculo e tem que ser bonito, figurativo, e de um modo geral o folclore origi-



"Acho o folclore tão importante quanto a matemática (e olhe que sou também professor de matemática) e o português na formação dos alunos, pois é necessários eles saberem suas raízes"

nal é sempre muito pobre, feio, até. O catira, uma dança tradicional lá de Goiás, goza de muita popularidade, mas é dança de gente simples, humilde. O catira vem, veste sua roupa e ali é a festa. Mas quando vai se apresentar em público, vai todo enfeitado e com isso perde sua originalidade. Daí eu pergunto: isso vai divulgar ou vai estragar? O perigo está no exagero e no fato de que entra muita gente que não é da área. É do que venho reclamando.

O GALO – O catira é o mesmo que o cateretê?

W.B.O. – Em São Paulo é que se chama cateretê. Goiás, sul de Minas, Norte de São Paulo, triângulo Mineiro e Goiás formam um corredor cultural, graças ao trabalho dos bandeirantes. Tem um ditado que diz: "O goiano é um mineiro cansado". Outro ditado diz: "Goiás é uma extensão de Minas", porque as tradições desses dois estados são quase as mesmas.

O GALO – O seu interesse pelo folclore o aproximou de Câmara Cascudo. Quando isso começou?

W.B.O. – Eu fui ao Ceará em 1962, representando o Ministro da Educação, Paulo de Tarso. Ele falou que estava pensando em mudar o nome do órgão que tratava de folclore na época, a Comissão Nacional de Folclore, para Campanha do Folclore Brasileiro. "Já que você vai ao Ceará, pare em Natal para conversar com o Cascudo e peça a opinião dele sobre essa mudança", pediu-me. Visitei Cascudo e ele aconselhou que o órgão passasse a se chamar Campanha, e não mais Comissão. Sua sugestão foi aceita. Em 1958, esse órgão ganhou uma nova denominação: Instituto Nacional de Folclore, nome que mantém até hoje. Observe que as mudanças ocorreram de sete em sete anos, e sete é um número cabalístico no folclore.

O GALO – Quando começam os estudos sobre o folclore?

W.B.O. – O folclore começou em 1846, quando William J. Thoms publicou artigo numa revista inglesa denominando de “folclore” (saber popular) a cultura popular, tradicional, de cada país. A denominação foi aceita e se popularizou em todo o mundo com esse nome, que nós apenas aportuguesamos para folclore. Antes, essas coisas eram chamadas de “antiguidades populares”. Imagine se a tratasse a cultura popular com esse nome pomposo. Dava para imaginar Cascudo intitulado seu “Dicionário do Folclore Brasileiro” como “Dicionário de Antiguidades Populares Brasileiras”? Temos muito o que agradecer ao Thoms a invenção do nome folclore, simples e exato, que pode ser facilmente adaptado para todas as línguas.

O GALO – Quando o folclore chega ao Brasil?

W.B.O. – Foi em 1951, quando houve o primeiro congresso nacional de folclore, que deu origem à Comissão Nacional do Folclore.

O GALO – E quando você inicia seus estudos folclóricos?

W.B.O. – Eu não entrei no folclore, o folclore foi que entrou em mim.

O GALO – Como você descobriu isso?

W.B.O. – Foi através de uma senhora lá de Goiânia, chamada Regina Lacerda, que começou a me mostrar o que era folclore. É uma pessoa hoje muito conhecida em todo o Brasil, autora de vários livros sobre folclore.

O GALO – Mas o que caracteriza a tradição popular, o folclore, enfim, em sua opinião?

W.B.O. – O folclore tem que ser anônimo, não tem autoria, (e tem, porque não existe geração espontânea), tem de ser transmitido oralmente, e tem de ser também popular, coletivo. Por que não adianta só eu saber, outras pessoas têm de tomar conhecimento desse saber e utilizá-lo. Com isso, surge a tradição popular.

O GALO – Essa tradição tem no progresso um sério adversário, não acha?

W.B.O. – É verdade, o progresso está em tudo, e é coisa que ninguém segura: o padre quer chegar a cardeal e a papa, jogador de futebol quer ser Pelé, o estudante quer ser doutor. Mas tem de ter cuidado com isso. Minha preocupação com a preservação da cultura popular começou quando ao perceber que o progresso ameaçava levar por terra as coisas da tradição. Aí pensei, (isso foi em 1953!), “daqui a algum tempo, ninguém vai mais saber das coisas. Assim, eu vou registrar logo tudo que eu puder para as pessoas puderem estudar no futuro”. Se pelo menos uma pessoa fizesse o mesmo em outras partes – como o Cascudo fez aqui no Rio Grande do Norte – depois a gente juntaria tudo e teria um quadro bem completo das coisas criadas pelo povo. Comecei a estudar, a andar, e findei formando a maior biblioteca sobre Goiás, a que tem

mais títulos. São mais de dois mil títulos. Esse trabalho me aproximou de grandes folcloristas, como Edison Carneiro, irmão do senador Nelson Carneiro, e de Câmara Cascudo. Aliás recebi um grande incentivo de Cascudo, pois foi a pedido dele que comecei a pesquisar a culinária goiana. Cascudo me pediu que eu mandasse umas receitas de comida de Goiás. Eu reuni 36 receitas da região e mandei. Semanas mais tarde, Cascudo me escreveu, agradecendo, e perguntou: por que você não prossegue nessa linha de pesquisa?

O GALO – E você aceitou a sugestão?

W.B.O. – Tanto aceitei que findei escrevendo *Cozinha Goiana*, em 1967, que já está na quarta edição. Nesse livro, tem a história da alimentação em Goiás, e curiosidades do tipo: o que comeram os bandeirantes, que foram os primeiros homens que chegaram à cidade de Goiás, antiga capital do estado, como era a cozinha indígena, à base de milho, e o que aconteceu quando essa cozinha depois se misturou com a portuguesa, quando os bandeirantes levaram suas famílias para Goiás, e ainda com a cozinha africana.

O GALO – Quantas receitas você reuniu no livro?

W.B.O. – Reuni um total de 1200 receitas.

O GALO – Cozinha Goiana é parte de uma trilogia. Quais são os outros dois livros?

W.B.O. – São o *Dicionário do Brasil Central*, de 1983, com 15 mil verbetes, e a *Medicina popular do Centro-Oeste*, de 1994.

O GALO – Você também se preocupou com o aspecto didático dos estudos folclóricos. Qual foi o principal resultado disso?

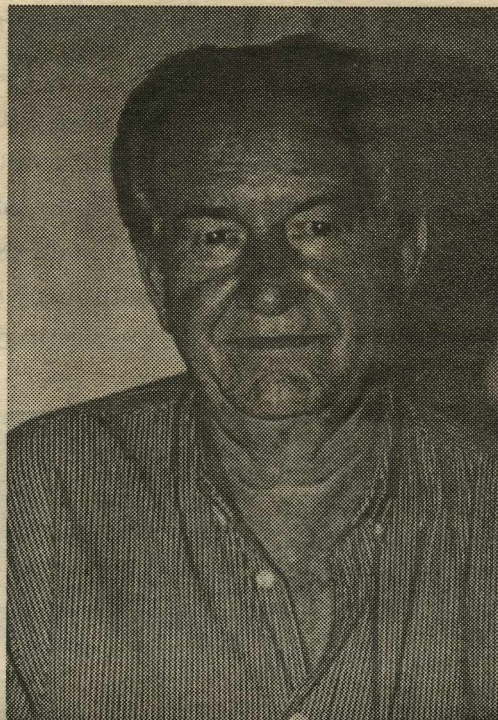
W.B.O. – Em 1968, o folclore não estava no currículo escolar. Mas já havia a lei federal

do presidente Médici obrigando todos os estabelecimentos privados e públicos a promover anualmente, em agosto, a Semana do Folclore. Mas faltava um manual para orientar os professores como lidar com os fenômenos folclóricos, explicando numa linguagem acessível como fazer para que a Semana do Folclore não fosse esvaziada por falta de subsídios. Então comecei a pensar numa espécie de cartilha do folclore e caí em campo outra vez, dessa vez para ouvir a opinião dos professores de primeiro e

segundo grau sobre o que eles achavam importante numa obra didática sobre folclore. Um me dizia: explique a origem das festas populares; outro queria que eu escrevesse sobre a história da alimentação, um terceiro, sobre as superstições. Fui juntando esses grandes temas em capítulos distintos e resultou daí a *Cartilha do Folclore Brasileiro*, obra que ganhou o Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras em 1968.

O GALO – E quando essa obra foi publicada?

W.B.O. – É interessante. Quando ganhou o Prêmio João Ribeiro, a editora Ática me procurou dizendo-se interes-



“Temos muito o que agradecer ao Thoms a invenção do nome folclore, simples e exato, que pode ser facilmente adaptado para todas as línguas”



A obra de Bariani Ortêncio cobre desde os estudos folclóricos, como em *Cartilha do Folclore Brasileiro*, até obras de ficção, como é exemplo seu *Estória de muitas estórias*, livro que se alimenta do imaginário oriental



sada em publicar a *Cartilha*. Mas coincidiu com o fim da lei Sarney de incentivo cultural, e a Ática me devolveu os originais. Só fui publicar o livro em 1996 pela Universidade Católica de Goiás. Essa *Cartilha* hoje está largamente utilizada em escolas de todo o Brasil.

O GALO – *Como a Semana do Folclore é comemorada em Goiás?*

W.B.O. – Lá em Goiás a Semana do Folclore é comemorada durante todo o mês de agosto. Isso acontece graças ao ex-governador Ursulino Leão, que é também romancista e acadêmico. Outra lei importante do Ursulino foi a que definiu a cidadania goiana: é goiano quem mora há mais de cinco anos em Goiás, porque Goiás é um estado cosmopolita. Só para dar um exemplo: uma pessoa muito importante na área das comunicações goiana é o Joaquim Câmara, que é daqui no Rio Grande do Norte. Hoje, existem as Organizações Jaime Câmara, neto do Joaquim Câmara. O grupo é dono da afiliada da rede Globo de televisão, a TV Anhangüera, a Rádio Anhangüera, e o Jornal de Brasília, o Jornal Tocantins, o jornal O Popular de Goiás. Enfim, tem um verdadeiro império das comunicações.

O GALO – *Fale um pouco dos seus livros paradidáticos.*

W.B.O. – Eu tenho seis livros paradidáticos, dos quais dois editados pela Editora Atual, um pela Editora Saraiva “O homem que não teimava” que é campeão de vendas, e três que são uma série com os personagens “João do fogo e Pimentinha”. Eu conheci um rapaz chamado Wanderley que falou-me que o livro de cabeceira dele é o “O homem que não teimava”. Trabalho com eles nas escolas, para estimular o hábito da leitura.

O GALO – *Você costuma visitar as escolas?*

W.B.O. – Vou toda semana, porque sou membro do Conselho Estadual de Cultura, fui Presidente por três anos da “União Brasileira de Escritores” sou o acadêmico mais antigo da “Academia de Letras de Goiás” e sou do Instituto Histórico e Geográfico. Fui professor de matemática algum tempo. Não sou mais professor, hoje sou um dileitante que colabora para estimular o hábito da leitura porque a criança que aprende a ler não pára nunca mais de ler. Se a pessoa que não tem o hábito da leitura pega o livro, quando lê dez página os olhos começam a piscar, começa a abrir a boca, o livro vira “travesseiro” e a pessoa acaba dormindo em cima dele.

O GALO – *Com está sendo a resposta dos alunos ao trabalho que você desenvolve para estimular o hábito da leitura nas escolas?*

W.B.O. – Essa resposta é em geral muito boa, o que atrapalha mais é o tal do videogame, porque hoje cada criança tem um em seu quarto, e chega a passar a noite jogando e de manhã dorme na carteira por causa do sono. E hoje as mães também trabalham fora e muitas vezes as crianças ficam longe dos pais durante muitas horas do dia. O videogame funciona como uma espécie de babá da criança. Quando

não é isso, acontecem coisas ainda mais perigosas, como o envolvimento com as drogas, por exemplo. Um dos prejuízos mais visíveis dessa má influência sobre a criança se manifesta na sua linguagem monossilábica e quando há necessidade de fazer uma dissertação não sabe.

O GALO – *como está hoje o mercado editorial brasileiro? É fácil furar o bloqueio das grandes editoras nacionais, situadas no eixo Rio-São Paulo?*

W.B.O. – Não é fácil não. Criei um detetive que resolve tudo através de deduções matemáticas, e consegui editá-lo pela editora Ática. E não foi fácil! A Ática recebe por ano mais de mil originais. Passar nesse crivo é como ganhar na loteria! Editar um livro é um processo complexo, que tem quatro fases: primeiro, escrever. Segundo, publicar. Até aí não tem problema, você vende sua casa, pede dinheiro emprestado, empenha o carro, e consegue publicar. Mas tem duas onças que bebem água juntas, e que não dá para separar: são a divulgação e a distribuição. Se você não distribui as pessoas não acham, se não divulgar as pessoas desconhecem, aí o livro encalha. As pessoas só compram livro de quem é conhecido. E os editoras dizem que só editam os livros de quem vende livros. Então a divulgação e distribuição devem andar irmanadas.

O GALO – *Você também é compositor de uma vasta obra, e escreveu até uma canção intitulada “Ponta Negra”, que o Lindomar Castilho gravou. Quem vem primeiro: o escritor, o folclorista, o professor, o compositor?*

W.B.O. – Eu sou mais compositor do que escritor, apesar de não saber música. Sou polivalente e versátil, até mesmo nas minhas músicas. Fiz “Folia de Santos Reis” “Folia do Divino” e uma marchinha que é muito tocada em Goiás nos casamentos. Eu sou motivado pelo ambiente e ando com um gravador de bolso aproveitar a inspiração na hora que ela vem.

Como foi a inspiração para a música Ponta Negra?

W.B.O. – Eu tenho uma filha psicóloga que mora aqui há 10 e eu vim para cá em 1993 para fazer uma casa para ela. Fiquei em Ponta Negra, tomando água de cocô e banho de mar. Amei tanto essa temporada que fiz a música para essa bela praia natalense.

O GALO – *Você tem parcerias com Lindomar Castilho?*

W.B.O. – Lindomar Castilho há quem diga que é o melhor cantor das Américas. Ele mora perto de mim, sou padrinho de casamento dele e padrinho artístico dele. É ele quem coloca minhas músicas no violão. Tenho sete músicas gravadas por ele, entre elas uma “Ave Maria”, “Sul do Araguaia” e “Ponta Negra”. Eu nunca pedi para ele gravar nada, nunca quis abusar. Essa decisão deixo sempre à escolha dele, o que ajuda a manter nossa amizade sem pressões.

O GALO – *E com o Trio Irakitan você tem alguma gravação?*

W.B.O. – Gravei com o Trio Irakitan a versão que fiz da canção “Solamente una vez”, que ficou: “Tão



“Não sou mais professor, hoje sou um dileitante que colabora para estimular o hábito da leitura, porque a criança que aprende a ler não pára nunca mais de ler”



Com o romance “O Tronco”, Bernardo Élis projetou nacionalmente a literatura goiana

somente uma vez". Foi há 40 anos. Foi a primeira que eu gravei e já existem mais de 20 versões com o meu nome.

O GALO – Como surgiu sua vocação musical?

W.B.O. – Eu tinha uma loja de disco chamada "Bazar Paulistinha". Sou o comerciante mais antigo de Goiás, moro lá há 63 anos. Quando cheguei a Goiás, eu tinha 15 anos.

O GALO – *E o romance?*

W.B.O. – Eu já escrevi literatura policial, literatura regional, literatura, paradidática e o romance eu acho que é um gênero muito difícil. O romance depende muito do diálogo; é a parte mais difícil. Meu livro "Estórias de muitas estórias" é um romance oriental desmontado. São vinte capítulos e cada capítulo tem uma estória diferente, que pode ser lida independentemente, mas se lido integralmente ganha a estrutura de romance. É a história de um rei que queria manter a dinastia e instituiu um concurso de histórias inéditas no seu reino: ganhava uma bolsa de ouro e iria numa caravana se aprimorar no estrangeiro quem vencesse. Cada capítulo é portanto uma das histórias apresentadas pelos candidatos à bolsa de ouro.

O GALO – *Esse romance tem algo a ver com a literatura de Malba Tahan?*

W.B.O. – Fui muito amigo de Malba Tahan. O verdadeiro nome dele era Júlio de Mello e Souza, professor de matemática, como eu, lá em Goiânia. Tenho um conto que se chama "Raul Paiva", um conto de matemática que ele dizia que daria tudo por esse conto. Em compensação, ele passou para mim muito contos policiais. Ele dizia: "Sou professor de matemática como Júlio de Mello Souza, e escrevo literatura oriental sob o pseudônimo de Malba Tahan, coisa que a crítica nunca aceitou. Se eu entrar no gênero policial, acho que meus críticos não me perdoarão". Por isso, ele deu para mim três temas que aproveitei em "Estórias de crimes do detetive Valdir Lopes", livro que passou no crivo seletivo da editora Ática no ano de 1959. Eu tenho todos os livros dele ortografados.

O GALO – *Qual o segredo para se tornar um escritor?*

W.B.O. – Não pense que existe uma escola para escritor, não, o segredo de escrever é ler muito. Quando eu era menino, na década de 30, eu pegava o livro do meu tio que era padre e ia lendo. Se o livro acabasse bem, eu deixava, senão eu escrevia o final que eu queria. Não há escola para apreender a ser escritor. Você lendo, nasce a inspiração, mas devemos ler coisas boas.

O GALO – *Quando você publicou o seu primeiro livro?*

W.B.O. – O meu primeiro livro, "O que foi pelo sertão", foi editado em 1956, pela Editora Autores Novos, de São Paulo. Agora, estou lançando um livro sobre política "O caminho da liberdade". É como seria o país ideal. Eu tenho no livro um candidato ao Senado chamado "Coríntians Tupinambá do Brasil." Porque a maioria da população não quer mais candidatos que sejam políticos profissionais. O livro é acompanhado por um CD em que Lindomar Castilho canta canções inéditas minhas, inclusive um "Hino da liberdade". São vinte e uma faixas, sendo que catorze são minhas. E publicamos por uma editora nossa, estamos vendendo através do "xaveco". Você sabe o que é xaveco? É colocar moças bonitas para sair vendendo de porta em porta.



"Não pense que existe uma escola própria para escritor, não, o segredo de escrever é ler muito"

O GALO – *É uma utopia política?*

W.B.O. – Ele é hipotético, mas não é utópico. Comecei a escrevê-lo quando eu estava em Ponta Negra, em 1994. Eu fiz uma pesquisa e gravava todos os horários políticos e selecionava o que era bom. E este candidato acaba ganhando as eleições. Demorei seis anos para fazê-lo. Eu não solto livro da noite para o dia. O livro é bem estudado, coisa de 20 a 30 anos.

O GALO – *Você está escrevendo algum novo livro?*

W.B.O. – Estou escrevendo um livro que se chama "Renascer". É sobre religiões, sobre estas seitas que só ficam pedindo dinheiro aos fiéis. Quero terminá-lo para voltar a escrever contos, pois as pessoas dizem que eu tenho que voltar a escrever contos porque sou bom em escrever contos.

O GALO – *Editar para você é uma coisa fácil ou ainda é problemático?*

W.B.O. – Eu só paguei o meu primeiro livro. Eu vejo pessoas que se humilham para vender suas obras, mas graças a Deus eu não preciso disto. Eu não pago para editar, as editoras é que me pagam para editar meus livros.

O GALO – *Goiás tem projetado alguns nomes literários nacionalmente, como você avalia a literatura goiana?*

W.B.O. – Quando eu comecei a escrever não havia quase ninguém, depois é que apareceram os escritores Carmo Bernardo, José J. Veiga, Bernardo Élis, Eli Brasiliense. Ele são todos de 1940. Havia uma grande briga entre os quatro, uma ciúmeira, uma grande disputa. O Bernardo Élis ele foi o único que foi para a Academia Brasileira de Letra, depois de derrotar Juscelino Kubitschek, numa eleição muito disputada.

O GALO – *E os demais?*

W.B.O. – O Carmo Bernardo dedicou-se ao romance histórico. O José J. Veiga é da mesma cidade do Bernardo Élis, de Corumbá de Goiás. O José J. Veiga foi aos 20 anos para o Rio de Janeiro, depois para Londres, indo trabalhar na BBC de Londres como correspondente de guerra. Ao voltar para o Brasil, tornou-se um dos principais nomes do realismo mágico entre nós.

O GALO – *Como está o mercado editorial em Goiás?*

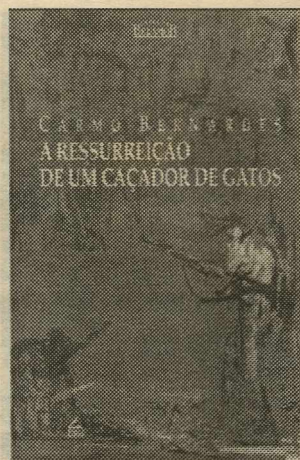
W.B.O. – Temos pelo menos três boas editoras: a Keops, a Editora da Universidade Federal e a da Universidade Católica.

O GALO – *Qual a média de edição de livros?*

W.B.O. – três mil livros. Além das cópias piratas que estão virando uma prática rotineira, prejudicando editoras e autores, através do roubo dos direitos autorais. E isso é contravenção.

O GALO – *Bariani, que conselho você daria a um jovem que estivesse com planos de ser escritor?*

W.B.O. – A primeira coisa é ler muito e ler bons autores. Hugo de Carvalho Ramos, publicou o livro "Tropas e Boiadas" aos 19 anos e suicidou-se aos 26 anos no Rio de Janeiro. Ele é do século passado. E o livro dele é antológico, até hoje. É preciso fazer a coisa certa, escrever as coisas corretas, pois imagine um aluno que fez um teste e perguntaram pelas feras brasileiras e ele colocou leão. Imagine fera brasileira ser leão. E ele disse: "Mas eu li assim". E como fazer se ele leu? Um outro conta que fez uma pinguela, ou seja uma ponte, de 28cm com um pau só de embaúba. Isto é impossível; é madeira fraca, não agüentaria. A ferramenta do escritor e saber das coisa para poder escrever.



O contista Carmo Bernardes é um dos exemplos da força da prosa goiana no séc. XX.

LITERATURA POTIGUAR

Um inesperado universal

Marcos Silva

No Rio Grande do Norte, existe produção literária! O ensaísta Luís da Câmara Cascudo já é nome muito conhecido, nacional e internacionalmente, como etnógrafo, historiador e estudioso da Literatura. Auta de Souza tem sido lembrada, em antologias ou manuais sobre Literatura brasileira da passagem para o século XX, como poetisa tardo-romântica ou para-simbolista. O poeta

Ainda são poucos, todavia, os que, fora do estado, sabem que esses autores ali nasceram e produziram literariamente ou, vindos de outras partes do Brasil (caso de Zila), nele desenvolveram suas obras. Mesmo Cascudo, muito respeitado, amigo, colaborador e correspondente de Mário de Andrade, além de ter publicado alguns poemas bissextos na paulistana *Revista de Antropofagia* (dirigida por Oswald de Andrade), nem sempre é evocado como principal representante de um núcleo estadual do Modernismo...

O lançamento dos volumes *Literatura do Rio Grande do Norte*, antologia organizada por Constância Lima Duarte e Diva Cunha Pereira de Macêdo, e *Informação da Literatura Potiguar*, ensaio interpretativo de Tarcísio Gurgel, seguido de antologia, contribui para diminuir aquela situação geral de desconhecimento, além de permitir apreciar ou-

tras significativas vozes potiguares, em diferentes gêneros literários, desde o século XIX.

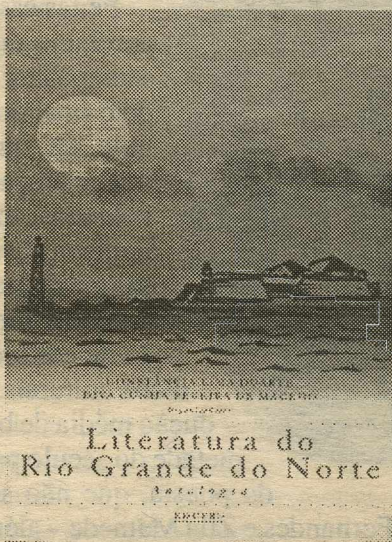
Os dois livros, desenvolvidos por professores da UFRN (Constância se transferiu mais recentemente para a UFMG e Diva, precocemente aposentada, passou a atuar na Universidade Potiguar), com estudos pós-graduados na PUC/RJ (todos) e na Universidade de Barcelona (Diva), além de muitas publicações sobre o campo temático abordado, revelam zelo acadêmico, explicitando critérios na organização de suas matérias, particularmente, no que se refere à escolha dos escritores e aos gêneros abordados.

Na antologia de Constância e Diva, "foram incluídos todos os autores que, nascidos ou não no RN, contribuíram para a formação e o crescimento da literatura do Estado", atingindo poesia, romance, conto, crônica e carta, sem levar em conta dramaturgia e "experimentos de vanguarda". Tarcísio, por sua vez, privilegiou a atuação dos autores na literatura potiguar, deixando de lado os que desenvolveram a produção fora do Rio Grande do Norte – caso de Nísia Floresta, que publicou noutras províncias do império e na Europa –, concentrando-se em poesia, romance, conto, memória e crônica, sem abordar dramaturgia, epistolografia, ensaio e oratória. Declarando-o ou não, as duas publicações têm em comum, portanto, a exclusão de ensaio, vanguarda, dramaturgia e oratória.

Se os dois últimos gêneros não atingiram maiores culminâncias na produção literária do estado, causa especial estranheza não dar atenção ao ensaio, quando este foi cultivado, com brilho, por Luís da Câmara Cascudo, tradutor e admirador de Montaigne: *Vaqueiros e Cantadores*, *Literatura Oral*,



O livro de Tarcísio Gurgel *Informação da Literatura Potiguar*, e *Literatura do Rio Grande do Norte - Antologia*, de Diva Cunha e Constância Lima



Duarte, contribuem para "diminuir aquela situação geral de desconhecimento, além de permitir apreciar significativas vozes potiguares, em diferentes gêneros literários, desde o século XIX".

Cinco Livros do Povo, Flor de Romances Trágicos e História da Alimentação no Brasil são grandes exemplos do ensaísmo etnográfico, com ressonâncias literárias, que ele produziu. O resultado é, no volume de Constância e Diva, a inclusão de fragmento do único romance de Cascudo, *Canto de Muro*, uma crônica e dois poemas, menos expressivos no conjunto de sua obra, e, no livro de Tarcísio, um trecho do ensaio (!) *Prelúdio e Fuga do Real...*

É possível que a ligação de Cascudo com o mundo das chamadas Ciências Humanas (Etnografia, História) tenha levado aqueles três estudiosos a pensar que sua produção nesse campo não pertence à Literatura, embora Constância e Diva afirmem que “o texto cascudiano, seja qual for o tema tratado, é sempre literário” (p 238). Certamente, nenhum cientista social é obrigado a fazer Literatura: são literatos apenas os que escrevem bem – Euclides da Cunha, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Luís da Câmara Cascudo e outros.

Junto com os grandes estudos de Cascudo, os ensaios de Moacyr Cirne sobre quadrinhos (*A Exploração Criativa dos Quadrinhos, A Linguagem dos Quadrinhos, Uma Introdução Política aos Quadrinhos, História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros e Quadrinhos, Sedução e Paixão*), publicados quando ele já morava no Rio de Janeiro mas estreitamente ligados a sua atuação como crítico de Literatura, crítico de Cinema e mobilizador cultural no Rio Grande do Norte, também poderiam ser lembrados. Outros nomes, como Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa e Veríssimo de Melo, produziram, com resultados apreciáveis, no campo ensaístico (incluindo a crítica literária!), sem esquecer de um grupo mais recente de ensaístas, ligados às universidades locais.

O silêncio sobre a vanguarda – que não chega a se constituir num gênero e apenas mereceu breves registros nos dois livros, sem inclusão de obras nas antologias – também surpreende, aplicado que foi à produção do final dos anos 60 do século XX (experiências concretistas e poema processo) e a seus desdobramentos posteriores.

Certamente, Constância, Diva e Tarcísio não são obrigados a valorizar qualitativamente essas tendências. A simples apresentação de alguns de seus produtos mais destacados (por exemplo: os de Dailor Varela, incluído nas duas obras com poemas textu-



A professora Constância Lima Duarte vem contribuindo com importantes estudos para a compreensão do autor norte-rio-grandense, desde o seu trabalho sobre a vida e a obra de Nísia Floresta, que também foi objeto de estudo de Henrique Castriciano (foto abaixo)



ais, Moacyr Cirne, também apresentado na antologia de Duarte e Macêdo com versos, Anchieta Fernandes e Falves da Silva, ausentes de ambas), entretanto, faria justiça a um trabalho que já começa a figurar em coletâneas e estudos produzidos fora do Rio Grande do Norte. Mesmo os excelentes poemas especializados ou visuais de Luís Carlos Guimarães (“Navegrama para Valentina Tereshkova”) e Nei Leandro de Castro (“1822” e “Soneto das Vogais”), autores destacados por seus versos, foram omitidos. As diferenças entre vanguarda e tradição, portanto, foram traduzidas como inexistência produtiva da primeira. Diga-se a favor dos livros de Constância/Diva e Tarcísio que não culpabilizam os vanguardistas, ingenuamente, pelo silêncio de outros escritores, nem os acusam, arrogantemente, de incompetência.

Num plano mais geral, algumas ausências de autores merecem discussão, embora toda antologia seja escolha, sujeita a alternativas. A poesia textual de Miguel Cirilo (ausente do volume de Constância e Diva) e Anchieta Fernandes (excluída das duas antologias), dos anos 60, nada fica a dever a outros escritores presentes nos dois volumes. Certamente, foram pouco divulgadas: Cirilo teve um só livro editado, e não distribuído, Fernandes não publicou seus versos em livro individual. As antologias cumpriam excelente função se ampliassem o conhecimento desses talentosos nomes.

Feitas essas ressalvas, cabe destacar a importância dos dois volumes, que ajudam a acompanhar a produção literária potiguar, desde o final do século XIX e do começo do século XX, quando o padrão regional começou a ser esboçado, resgatando autores pouco divulgados, mesmo no RN, ao redor do Modernismo (anos 20 e 30 do século XX), num patamar qualitativo que incluiu Câmara Cascudo e Jorge Fernandes, salientando a atuação de editoras, instituições de apoio e periódicos culturais e permitindo apreciar uma produção média de boa qualidade, a partir da segunda metade do século passado, especialmente, no campo da poesia, que não se reduziu às exceções de Jorge Fernandes e Zila Mamede – além de Guimarães, Castro e Varela, José Bezerra Gomes é exemplo desse nível de excelência.

Algumas dificuldades no diálogo com a História do RN se manifestam mais no livro de Tarcísio, talvez devido à maior am-

bição interpretativa que ele assume e pelos caminhos que a pesquisa histórica sobre o estado ainda tem para percorrer. É assim que o autor endossa a verve de Cascudo sobre os primeiros 250 anos de Natal ("Faz de conta que não existiram" – *História da Cidade do Natal*), desdobrando-a nos limites de população e na ausência de escolas na província do século XIX, contrastando esses dados com a realidade de fins do século XX. A eventual pertinência dessas preocupações se apoia, todavia, em aproximações anacrônicas, que supõem recenseamentos como dados absolutos e conceitos de educação e cultura descontextualizados: nem toda formação se dá na escola (onde está a Literatura Oral?), nem todo aglomerado numericamente significativo de pessoas gera alta cultura, a excelência educacional do RN de hoje é duvidosa.

No mesmo sentido, as críticas à república oligárquica e ao abusivo poder da família Albuquerque Maranhão, do início do regime aos anos 20 do século seguinte, pouco caracterizam o universo social sobre o qual esse despotismo se exercia, quase reduzindo a política ao controle sobre o aparelho de estado. Depois de primeiras observações sobre o tema, a análise de Tarcísio se concentra no universo de autores e obras, refletindo pouco sobre novos contextos sociais e políticos, exceto em breves menções ao início dos anos 60 (política cultural de Djalma Maranhão, prefeito natalense cassado em 1964, surgimento de um grupo significativo de poetas e prosadores): oligarquias ou famílias todo-poderosas desapareceram?

Encerrado o ensaio introdutório (170 páginas, num total de 321, mais um expressivo anexo de imagens – *fac-similes*, capas de livros, retratos de personagens), Tarcísio apresenta sua antologia, com um a três textos de cada autor escolhido (33 poetas e 17 prosadores, havendo 3 nomes nas duas categorias), precedido(s) de concisa informação bio-bibliográfica.

Pelo seu caráter exclusivo de antologia e devido a sua extensão (611 páginas), o livro de Constância e Diva abrange maior número de autores (75), caracterizados individualmente, alguns com até 10 escritos. Silêncios sobre certas experiências políticas dos escolhidos podem ser assinalados: a atuação de Nilo Pereira nos quadros do Estado Novo, a militância monarquista e integralista de Câmara Cascudo, o apoio de alguns autores mais recentes à ditadura militar de 1964/1985 e sua atuação nos cenários culturais e políticos que se lhe sucederam. Como no caso de Tarcísio, os limites da pesquisa histórica sobre o estado podem ser responsabilizados por essas omissões.



A professora Diva Cunha, além de ter projetado seu nome como uma das vozes mais admiradas da poesia norte-rio-grandense de hoje, vem fazendo uma parceria fecunda com a professora Constância, a qual já rendeu vários estudos sobre o autor potiguar

Se o viés regional predominou na Literatura potiguar de meados do século XX, isso não impediu a eclosão de sólidos diálogos com a Literatura universal, de que deu exemplo o próprio Cascudo, leitor atento de estudos suecos, alemães e norte-americanos, dentre outras procedências, sobre cultura popular. O mesmo pode ser dito em relação a outros gêneros de prosa e à poesia.

Literatura do Rio Grande do Norte e Informação da Literatura Potiguar comprovam a existência de uma produção literária de bom nível fora dos grandes centros tradicionais de cultura erudita no Brasil, provavelmente, paralela às de outros estados, ainda pouco divulgados. Os dois livros também atestam a qualidade dos estudos literários desenvolvidos nas universidades do Rio Grande do Norte, contribuindo para a ampliação do debate sobre facetas da Literatura brasileira insuficientemente conhecidas. Revelam, portanto, um número significativo de bons escritores, representantes de um fazer literário nacional dotado de múltiplos semblantes. Contemplar essas faces potiguares, fora do circuito local, pode ser, também, ver-se num

inesperado espelho.

Cotidiano nº 1

(Dailor Varela – 1945/)

no espelho,
o riso diário
posto na escova de dentes
na mesa o pão que se parte
com uma faca afiada
na cama a mulher deitada
sobre o pesadelo matinal
na porta a chave e o olho mágico
no elevador
os vizinhos fechados
nos seus paletós
nas ruas o rugido grave
da fera cidade
feracidade diária
que se multiplica

ANEXOS:

A Ponte

(Zila Mamede – 1928/1985)

Salto esculpido
sobre o vão
do espaço
em chão
de pedra e de aço
onde não
permaneço
- passo.

DUARTE, Constância Lima e
MACÊDO, Diva Cunha Pereira (Orgs.)
– *Literatura do Rio Grande do Norte*
– Antologia. Natal: UFRN, 2001.
GURGEL, Tarcísio – *Informação da*
Literatura Potiguar. Natal: Argos,
2001.

Marcos Silva é Livre Docente e Professor de História Social da Arte no Departamento de História da FFLCH/USP, organizador da coletânea Nelson Weneck Sodré na historiografia brasileira, pela EDUSC, dentre outros livros).

Lembranças de São Romão

Para meu pai Elói Caldas

Dorian Gray Caldas

Triste é cair em desgraça, como costumam dizer. Que essas coisas podem acontecer, por caminhos ou desígnios mais misteriosos. Essas *casualidades*, como queiram, ou coisas do destino, mal se tenham confirmado os provérbios do Eclesiastes, quando se abatem sobre o homem os maus desígnios, acreditem ou não nos velhos sábios ou nos profetas, é verdade que ele perdeu o seu emprego por obras do mal destino. Acidente comprovado pelos vestígios de velas e tentativas de arrombamento do cofre que os ladrões tentaram levar as ações e o dinheiro danificado pelo calor das labaredas que se tornaram incontornáveis e exigiram dos marotos, sabe Deus, uma atropelada fuga.

Sem emprego, sem seguro e sem perspectivas, de repente se viu menino do sertão, vindo ainda adolescente para a cidade, retorna ao entroncamento onde sua mãe o deixava, à sombra de enorme oitizeira, a caminho da escola. Desta árvore à escola distava uma diferença de algumas léguas a pé a vencer a distância, que lhe garantiria a alfabetização necessária para tentar a cidade grande. Veio.

Um parente, tio, garantiu-lhe o trabalho. Jovem de quatorze anos mal completados, logo no armazém de secos e molhados começava vida nova na cidade. Esse primeiro emprego lhe garantiria outros e outros até a subgerência da firma Olímpio Tavares. Essa desgraça do incêndio o deixou desarvorado. Já tinha filha e filho nascidos, precisava do emprego. Aceitou o

convite de amigos e foi trabalhar no sertão de São Romão, àquele tempo, como sua única fábrica de beneficiamento de algodão, reduto de extrema pobreza e sujeito aos rigores das secas. A casa que o abrigou tinha a serventia de suas empregadas nativas e um serviçal por nome Bastião, homem de enorme força física, com capacidade de levar, no lombo nu, quantidades de lenha para os fornos da fábrica e latões de água para toda a serventia da casa. Que diria dos móveis, do atajé onde ficavam os guardados, a louça branca simples com fri-

costume, com farta mesa de coalhadas, queijos frescos e um bom prato de cuscuz ao leite; ainda haveria, se quisessem, carne de bode assada, se assim apetecessem a fome dos patrões, ou a seu gosto. Estranhou a senhora o leite com sal em acostuada ao doce e não amargo, que de amargo já bastaria a vida se encarregar. Pouca coisa guardou como lembrança ou registro dessa memória do ocorrido. Da estação à calçada alta, os ferros bordados e poucos verdes entre cinzas dos largos chapadões a perder de vista. O que mais? Bastião trazia



so azul, os papéis recortados que D. Ana, a boa D. Ana preparava para enfeitar os armários da cozinha, ficando nos vazios os belos desenhos semelhantes a frisos e bordados das rendas dos sertões; cartolinas brancas com tal requinte de desenho com filigranas árabes, e engenhoso artesanato. Mesa grande, toalha de algodão com poucas flores de relevo à mão dos bordados que D. Ana aprendera quando estudou as primeiras letras, mas proveitosas dos bancos escolares da única escola do lugar. Alta, lazarina, olhos apagados pelas muitas noites de insônias e vigílias, entre os cuidados da casa e a serventia da família. Este era o sétimo morador da casa da fábrica, não menos cerimonioso que os outros nem mais austero, mas com filhos e bagagens e uma simpatia de mulher para a rotina das mudanças que sempre acontecem ano após ano, destinação que estas terras oferecem aos que vindo da cidade a costumam rejeitar. D. Ana, no primeiro dia do morador, preparou a ceia como de

água nos latões, pernas arqueadas no ir e vir no serviço às necessidades das casas, entre as reclamações de D. Ana, que atormentava a paciência já desgastada pela longa serventia. Acostumado que era a poucas palavras, desconfiando também que era dos costumes da cidade.

Não esqueço o ouvir contar (ou realmente aconteceu?), na alpendrada da casa ao sol do meio-dia, aproximaram-se três figuras vindas do alto sertão, com suas roupas andrajosas, todas com sinos já das distâncias ouvidos, encobertos os rostos, mas que não ocultavam os braços ou pernas que se mostravam. Eram leprosos necessitados de comidas deixadas pela senhora na ponta mais aguda do terraço. E lembro-me das recomendações; tenho filhos pequenos, levem os pratos e os deixem longe, fora do alcance mesmo dos animais domésticos. — “Dona, a senhora não é destas bandas. Aqui ninguém socorre os leprosos, nós avisamos quando estamos próximos com nossos sinos, alertamos, alguma rara alma piedosa nos socorre, guardadas as distâncias, com farinha e rapadura deixadas fora dos limites da cidade”. Sabia a senhora que este mal não era de contágio tão imediato como afirmavam as velhas escrituras sagradas; não sentar na pedra que há uma centena de anos um leproso se sentara e que afirmavam as escrituras qualquer doença de pele era genericamente conhecida como lepra. As noites em São Romão eram silenciosas, salvo algum grilo cantador ou o coaxar interminável dos sapos nas invernias.

Só um inverno passou em São Romão. O seu homem adoeceu de tifo; a febre alta logo nos primeiros dias; veio embora na primeira marquete, a única do seu Calixto que propiciava mais rapidez e mais conforto em sua vinda para Natal. Meses e meses de hospital. Dos sete doentes à época, só ele sobreviveu. Desmemoriado, fraco e pobre, foram-se os anos de esperança marcados de pobreza e desânimo. Salvo as lembranças dos primeiros anos, outros mais teriam vivido por esses poucos que se foram, nos quais se sentiram felizes. Eu, que nada sabia do mundo e suas armadilhas às vezes tão casuais e irreversíveis, guardei dessa experiência uma amarga e reservada timidez. Embalado ainda pela única e doce alegria da voz de minha mãe, quebrando a monotonia das noites do sertão, quando todos os duendes se reúnem na infância para atormentar o sono das crianças.

Dorian Gray Caldas é escritor, poeta e artista plástico. Escreveu, entre outros livros, *Os instrumentos do sonho*, *Os dias lentos* e *Encantados: Lendas e mitos do Brasil*.

Beatitudes

Bartolomeu Correia de Melo

*...E dos talhes do tosco
canivete,
salta um mundo de santos e
dragões...*

Virgílio Maia

SABE daquele Senhor-morto, mais parecendo envivecido? Diz-que imagem vinda das estranhas, obra de artista gringo; entalhada em madeira d'além-mar, encarnada com tinturas d'alemanha. Doutros santos da matriz — mais doados por vaidade que caridade — seria fativo estória assim pomposa. Porém, derna de menino, por antigos e achegados testemunhos, tenho ciência do contrário. Pois, daquele Jesus quase redivivo em primor de boniteza, garanto outra procedência. Obra daqui mesmo, artes do Ceará-Mirim. Feitura devota, por santeiro mameluco; lavrada em tronco inteiriço de umburana, pintada com linhaça de açafraão e jenipapo. Meu tataravô, Antônio Vilela Cid, tataraneto

daquele outro Antônio, tido como igualmente imaginário, morto em santidade no martírio do Uruaçu.

Conhece os entalhes floridos na igrejinha da Utinga, também dita - e bendita - capela das santas flores? Ah, finura de perfeição, aqueles ramalhetes!... Diz-que capazes de atrair borboletas, botando cristão pra encher o peito, como buscando perfume ou oração. Dessas flores, contam mais maravilhas que do padroeiro do altar. Informo por justeza, não por gabolice. Autoria duma bisavó, Antônia Vilela do Espírito Santo; artista que velhice e cegueira nunca empataram. Pelas aparas de madeira que a entalhadura lhe chovia nos cabelos, apelidada Maria Cavaco. Renome ficado no respeito dos entendidos. Dentre outras virtudes, a devoção de humildade, cedendo praquelas flores toda fama milagreira.

No mais das vezes, como alego, tais artes renascem puxadas por benção de herança. Se bem que, sempre reste descendente falto de sentires e traquejos, quase incapaz de apontar um lápis. Eu, mesmo



levando algum jeito, pouco me arvorou de entalhador. Embora ainda malamanhe – de raro em raro – uma canga de boi ou gamela de porco. Sendo pra recortar madeira, esbarro mesmo no grosseiro da enxó. Não, que tenha esgotado veia de artista nesta raça dos Vilela. Mas, pelo esgalhar das gerações, talvez malmisturado, sangue de imaginário veio desapurando. Talento ficado vasqueiro, justo nos primos mais apartados. Parentela besta que, arrumada em nova-riqueza, cuida em reaver nobreza, assinando Vilella, assim com dois lês. Porém, aqui-acolá, no ramo dos Cavaco – desposuído da sorte, mas tinoso da arte – ainda rebrota alguma vocação. Coisa bem-cabida nesse apelido de família, que somente agasta quem desconhece as raízes.

Nessa linhagem assim traçada em madeira, nome de Antônio parece trazer sina de talento e devoção. Digo aqui dum quarto ou quinto assim também chamado; por obra menor, meio esquecido. Embora diverso em maneiras e medidas, artista igualmente caprichoso. Maior fazedor de colher-de-pau e pilão-de-tempero. Lavoros sem-par de boniteza cabida em singeleza. Meu tio materno, Tonho Cavaco.

Diz-que atoleimou, derna de malentrado em mocidade; justo na idade perigosa de moça perder honra e rapaz perder juízo. Por causa de que, lhe conto ainda adiante.

Demais andejo, por gosto e ofício, esse Tonho. Batia perna por todo chão adonde brotasse pinhão-branco, sua madeira de escolha. Por ferramentas, somente isqueiro e canivete, que chamava de *binga* e *trincho*, mostrando ser viajado.

- Isso de arte não tem embaraço! – dizia, todo sério – Basta nascer com queda e zelar ofício. Ensina quem tem mestria, aprende quem tem pendor; nunca nego segredo besta. Pego num torengo de pinhão e fico assuntando. Viro e reviro nas mãos, grugunzando nas idéias. Feito quem come fruta sem fome, escolhendo lugar pra primeira dentada. Nisso exergo, madeira adentro, assim adivinhada, figura de colher ou pilão. Daí, agarro do trincho e vou cortando as sobras. Desbasta aqui e ali, até restar somente a peça imaginada. Haverá pois qualquer complicação? – findava, crente e feliz.

Naquele pensar arrevesado, cumpria troncha promessa de nunca pegar em dinheiro. Isso, por via de passado desgosto, que nunca revelou, mas findei descobrindo.

- Mode não quebrantar a teima! – contava misterioso.

Comia e vestia somente barganhando

fabricos. Longe de vilas e feiras, por engenhos e fazendas. Fazendo vida vazia – se dizia – pelos vazios do mundo. Quando tocavam-lhe a solidão de rapaz-velho, apenasmente repetia encabulado:

- Nem renego esse destino nem desejo pra ninguém...

Sempre entonado em courama, embora não campeasse; pela troncha mania de vaguear varando mato. Consta que, coisa de veneta, quase nunca nem dorminhava. Mesmo assim, esquisito de gênio e figura, gozava boa simpatia. Quando menos esperado, aparecia em qualquer sítio, sempre de madrugada. Chegança bem aceita, sem alarde dos cachorros. Não chamando por ninguém, cuidava logo de acender foguinho no terreiro. Todo ancho, ali se aquecia, adiantando serviço. Alumiada na fogueira, aquela cara ossuda e quieta parecia também talhada a canivete. Sapecava torengos murchos de pinhão-branco, pra descascar e abrandar corte. Entretido na tarefa, toando baixo e grosso uma modinha muito cara dele, se anunciava.

*Tonho respeita a madeira
no fabrico dum pilão;
artista de mão maneira,
devoto da profissão.*

E quem naquilo acordasse, conhecendo seu lenga-lenga, sorrindo tornava ao sono.

Na manhecença, tinha lavrado e brunido colheres e pilões bastantes pra agradecer o arrancho. E havendo, naquela casa, moça de mão-pedida, presenteava peças de enxovo, com letra do noivo desenhada por enfeite. Chamado à cozinha, louvava a coalhada com rapadura, sempre valorando sua mercadoria.

- Bom demais!... Não tem colher nem pilão que pague!

Restante do dia, cenhoso mas contente, gastava em ajudas e mandados. Diz-que, embora careça certeza provada, sem qualquer judiação, amansava burro brabo. De tardinha, zanzava nos derredores, cortando feixinho-assim de pinhão. Depois de bem ceado, quase sem despedida, ganhava as veredas, levando embora aquela vozona de besouro.

*Pica-pau corta madeira
mas não faz uma colher.
Coração vira cavaco
nas unhas duma mulher.*

E assim vagueou sozinho, por ermos de vida e alma, até sumir como sempre surgia; sem rasto nem aviso, em noite de sereno e

zelação. Isso faz coisa de quase cinqüent'anos...

Da vez de destempero desse tio, reconto por minha mãe.

Começou, quase menino-besta, influído por estórias avoengas, brincando de coisar madeira. No cimento das calçadas, ralava bozó de cajazeira e time-de-botão de quenga. Depois de menino-velho, tendo permissão pra canivete, refinou gosto e material, talhando raiz de timbaúba. Fazia calungas de mamulengo com boca mexediça e jangadinhas com todos os tintins das demesmo. Rapaz-verde, ainda no tempo de trabalhar mulungu, Tonho se abestaltou de amores. Enxeriu-se numa marrafa de pau-brasil – madeira aleivosa, de dureza rachadiça – pra mimosear certa moçota de olhar querente e vistosa cabeleira. A peça temporã ficou um tanto malacabada, mas com forma e tenção de coração. Porém, no que a ingrata mangou da prenda, aquilo quase virou sua derradeira lavra. Derna disso, pegava na quicé, pensava nela e desinspirava. Por vezes, se confessava amofinado, cismando no desperdício de talento. E resmungava, lamurioso:

- Meu dom perdeu o tom; desgosto matou-me a arte...

Mas, com pouco, no pago duma promessa de minha avó – curada de antiga enxaqueca – não houve de rejeitar encargo. Entalhou ex-voto de cabeça que apresentava, escritazinha, a feição dolorosa da sufragante. Até o padre, embora arrenegasse tais malenfeites, gavou a arte da peça, no sermão do domingo, atrás de saber do artista. Daí, começou chovendo encomendas de cabeças; tantas e quantas, que Tonho deixou de empeleitar pernas e braços.

Foi quando, fiado em boa-fama, rebotou-se praquela zinha da marrafa. Ela, nesse então, andava vestida de azul-e-branco, trazendo um sorriso franco no rostinho encantador. Já que bem traquejado em madeira nobre, compôs imagenzinha de Sant'Anamestra, diversamente figurada. Em vez de leitura, a santa ensinava escrita. Mas, fazendo-pouco deste emblema, a malvada devolveu-lhe a oferta, com bilhete seco e debochado:

*"Tristonho:
Tenho outra devoção.
Anita."*

Naquilo recaído, Tonho ensimesmou além do comum caladão. Era amofumbado pelos cantos, lá-nele inturido, remoendo mágoas e tristuras. Até que, no fundo dos penares, desencavou uma esperança

crecedeira. Pois que enfim, nos repensares, ajuizara a causa daquela negação. Tudo culpa da falta de devida benzedura da imagem. Nisso estribado, tomou banho e trocou roupa; pegou a peça e rumou pra igreja, diz-que até assobiando. Mas o vigário, mesmo ciente do malenrabicho pela normalista, recusou de abençoar aquilo. Tinha reparado que a figura de Maria-menina escrevinhava canhota; desjeito esse, impingido como herege e malinspirado. Mas, afora de alegar o justo zelo de pastor, pareceu apreciar os primores do entalhe. Tanto que, embora fingisse cara enjoada, demorou-se remirando a desastrada obra. Depois guardou, bem embalada, jura-que-jurando queimar, aquela coisa em fogo de palmas bentas.

Daí, mudando feição e assunto, logo encomendou imagem concebida dentro dos conformes. Assim uns três palmos, dum qualquer santo, pra botar na peanha da sacristia.

- Tarefa piedosa que renda mercê divina. – e justou pago de deztões por polegada.

Todo presumido, confiando nalgum troco de agrado, Tonhim abalançou de entalhar imagem de maior vulto. Esmerou cinco palmos de lindeza em figura de São João. Meio escaldado, cuidou na pose certa e cristã da figura. Porém, na vez da entrega e cobrança do fabrico, o vigário alegou que parte daquilo vogava por penitência.

- Dos cinco palmos de santo, pela boavontade, devo somente dois! – embromava.

Aí, danou-se a botar defeito inventado; choroso e meloso que nem conversa de freira vendendo rifa. E veio, de novo, querendo impingir parceria do coisa-ruim na intenção do trabalho.

- Tibes! Este carneirinho mais semelha um bode! – desvalorou.

Avalie que Tonho, bem criado na boa crença, tinha todo padre como santo-homem, incapaz de ciganagem daquelas. Dentro do juízo rudo, tamanha desilusão, virada em farnesim de nojo, findou em desatino. Com toda fé, meu tio cacetou o santo na cabeça do freguês! No que bateu – *tuco!* – mel-de-furo desceu.

Ah, que o cujo debandou na carreira, praguejando e esconjurando que Satanás se encourara em santeiro. E gritava maldições a quem daquele comprasse figura de bicho ou de gente. Na descompostura desvariada, desconforme de croa e batina, findou chamando o Cão de corno e Tonho de sacana da quenga-barrida.

Ora, desse penoso desencanto, restou ainda ao rapaz a revolta duma surra braba,



levada do padrao, perante todo-mundo. Daí, desconfio que, por ranço deste escaldado, o coitado tenha caído naquela esquisitice.

Se bem que, antes de arribar de casa, embora desnortado, Tonho ainda desse mostras de algum atinamento. Pois, falseando que o carneiro era cachorro, vendeu aquela peça como imagem de São Lázaro. Decerto, quisera provar o gosto duma pia safadeza. Parece fativo que não apreciou. E, redorido por via e pasmo de quantos sinceros dilemas, honestamente doideceu. Rasgou o dinheiro e ganhou o mundo.

Derna disso, servidor e caloroso, Tonho seguiu suas veredas. Alheado de santos e demônios, cantando e lavrando singelezas.

Pois agora, atente bem nesse desfecho. Foi derna dele sumido – não se diz como – que tal costume apareceu. Nas noites de Santo Antônio, as donzelas do lugar deram

de cumprir estranha simpatia.

Diz-que, pra segura livrança do caritó, basta queimar na fogueira colher-de-pau ou pilão-de-tempero. Preceito dessa adivinha manda marcar, numa peça virgem, a letra do pretendido. Mas carece, por valimento maior, trescitar baixinho:

*Nem renego esse destino,
nem desejo pra ninguém!*

Se a madeira virar brasa, a moça logo casa.

Pois me acredita, no sumo da verdade?...

Por mim, palpito e sustento que desusados caminhos também levem à boaventurança.

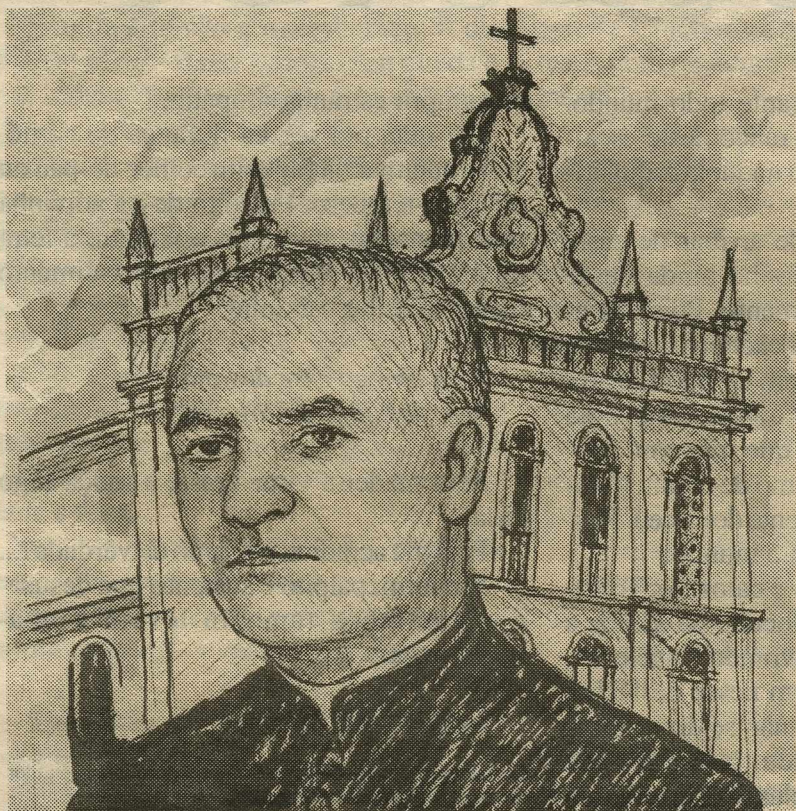
Natal / 2001

Bartolomeu Correia de Melo, norte-rio-grandense, é autor de *Lugar de estórias* (contos).

Perfis populares

Valério Mesquita

01 Antonio de Melo Chacon, Padre Chacon, foi vigário de Macaíba e adjacências. Do final dos anos quarenta até a década de cinquenta, pontificou o seu reinado, conciliando a fé e o pecado, a Igreja Católica e a grande ventura de humanamente viver. De família tradicional, padre Chacon conviveu no meio dos políticos sem se contaminar, pois detinha o carisma hipnótico da humildade e da esperteza de disfarçar equívocos. Foi lúdico, quebrou mandamentos, conviveu com Deus e o Diabo, sofreu tentações e jamais as dúvidas e as dívidas deixaram de assalta-lo. Foi sacerdote a sua maneira. Enfim, tomava vinho e cerveja. Gostava de festas. Orador sacro, as suas missas impressionavam pela dialética da persuasão, da conversão pela palavra fácil e dúctil que ocupavam todas as paredes da matriz. O Padre Chacon faleceu velhinho com mais de oitenta anos. Os seus últimos anos veio vivê-los em Macaíba. Afastado da Igreja por haver se casado, alugou uma casa em frente a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Vi-o, várias vezes à janela, já quase cego, contemplando a Igreja como se estivesse diante de uma visão celestial da Virgem Maria perdendo a mando de Cristo todos os seus pecados e contradições. Esse clichê de 30 anos passados ficou definitivo na minha memória. Não consigo apaga-lo. Chacon morreu pacificado porque teve em sua defesa, na hora derradeira, a clara estrela vespertina, lânguida anunciadora da noite dos homens e dos santos.



02 Zé Jeep era engraxate, tocador de trombone e palhaço dos pastoris suburbanos de Macaíba. Figura lírica que chamava a atenção pelo seu pequeno porte de um metro e meio. A sua cadeira ficava na Rua João Pessoa, centro. Vez em quando, era flagrado em imperturbáveis cochilos frutos da boêmia noturna. Gostava de beber mais do que podia e cabia o seu invólucro corpóreo. Certa vez, tocava num bloco carnavalesco de assalto que visitava a casa do Prefeito Alfredo Mesquita, de quem era correligionário e colocou-se ao lado do seu líder soprando forte o trombone para impressionar. De repente, Zé Jeep deixou escapar um ruidoso estampido intestinal. O velho político não dispensou o comentário: "José, o seu trombone tá vazando som desnecessário". A grande performance da sua vida gravada na memória de tantos que o conheceram, não foi somente a do engraxate, ressacado, mas a do pequenino homem da noite pobre dos pastoris da cidade, que entre Dianas, pastoras e contra-mestres, sustentou a alegria brejeira, limpa e simples dos humildes que hoje não se vê mais. Zé Jeep faleceu há cerca de vinte anos passados.

Valério Mesquita, norte-rio-grandense, é autor de *Macaíba de Seu Mesquita*, *Frutos do Tempo* e *Causos* 2001, entre outros livros.

O inolvidável ESMERALDO SIQUEIRA

Ubiratan Queiroz de Oliveira

É a injustiça, irmã gêmea da ingratidão, um dos mais graves pecados, e pode ser cometido tanto por ações, como por omissões, verificando-se facilmente, e com diferentes nuanças, nos mais diversos segmentos do relacionamento humano. Nos meios intelectuais, onde, não raro, tolas sensaborias são preparadas em panelas de pouco fogo e quase nenhum molho, onde a mútua louvaminha é o acompanhamento mais substancial, a omissão aos valores de outrem faz-se de modo evidente e deliberado. Não pense o leitor que a prática é característica dessa ou daquela aldeia. O achaque é universal!... Cá entre nós, os da taba de Poti, também a coisa não é diferente, produzindo efeitos entre mortos e vivos e sobrando feridos por todo o redor. Nesse contexto, eu diria que um nome bastante injustiçado em nosso meio chama-se ESMERALDO HOMEM DE SIQUEIRA, assim mesmo com maiúsculas e em toda sua extensão, pois o homem foi verdadeiramente um grande de nossas letras. Acho mesmo uma injustiça dobrada de ingratidão, por parte da intelectualidade potiguar, o olvido a que se encontra relegada a memória do saudoso mestre.

O professor Esmeraldo Siqueira era médico, mas encarava a medicina como mera formação acadêmica, pois fez profissão de fé no magistério e sua grande paixão eram as boas leituras, a literatura francesa, sobretudo, da qual tinha profundos conhecimentos e sobre o que discorria com prazer e desenvoltura. Era um polígrafo com a autoridade que bem caracteriza o escritor que domina os assuntos sobre os quais discorre. Daí porque, comentar sua vasta obra, requer, além de bons conhecimentos da mesma, tempo, espaço e ainda uma boa dose de engenho. É, portanto, tarefa de peso, que deverá ser encarada por ensaísta de méritos. Se ousar estas breves referências, faço-o mais no intuito de alertar para a injustiça, volto a dizê-lo!

Não foram poucas as suas publicações e variada foi sua temática, exercitando desde o ensaio bem fundamentado até a sátira mordaz, cultivando também a poesia, o que fazia com arte, notando-se-lhe ainda respeitáveis incursões no campo da memorialística e da crítica literária, navegando todas essas águas com o apuro de um timoneiro muito bem instrumentado e em todas elas derramando qualquer coisa do seu lirismo e de sua formidanda ironia, sua marca mais evidente

Caminhos Sonoros foi seu primeiro livro, publicado em 1941, onde já mostra bem assentadas as suas intimidades com as musas.

Porém desde os bancos escolares já se fazia publicar em jornais. Em 1950 publica *Novos Poemas*, seguindo-se-lhe *Música no Deserto e Trovas de Esmeraldo Siqueira*.

Sua atividade literária far-se-ia mais evidente a partir de 1968, quando se aposenta como professor da cadeira que ocupava na Faculdade de Farmácia. A partir de então, mais disponível, dedica-se com mais afincamento àquilo que realmente amava e tão bem entendia, ou seja, a boa literatura. Nesse afã, foram cerca de duas dezenas de

publicações, grande parte das quais pela Editora Pongetti, do Rio de Janeiro, custeadas pelo próprio autor. *Letras de França* é trabalho de significativa envergadura, onde o autor demonstra com naturalidade

seus dotes como ensaísta, bem como seus profundos conhecimentos acerca da literatura da pátria de Voltaire, fruto de intensivas leituras, a tudo anotando, refletindo e opinando, diferentemente daqueles que nos enfadaram com intermináveis transcrições. *Taine e Renan*, ensaio de cunho biográfico onde, procurando esboçar o perfil dos dois grandes pensadores, de quebra, a título de

intróito, discorre sobre diversas escolas do pensamento universal, num verdadeiro banho de erudição e conhecimentos filosóficos. *Gregos e Latinos na literatura*, ensaio onde revela sua intimidade com a antiguidade clássica, grande fonte de referências aos que pretendem, em literatura, uma boa iniciação. *Sugestões da vida e dos livros* compila pequenos ensaios sobre figuras do mundo literário, como ainda notas e comentários acerca de coisas do cotidiano, pelos quais o autor nos dá uma amostra de sua prodigiosa verve. Cultivou também a epistolografia, documentando, em *Velhas Cartas*, sua criteriosa e elegante correspondência mantida com os amigos, entre os quais o poeta Otoniel Menezes, a quem se dirigia em francês.

Conquanto o apuro e a elegância da pena se façam presente em todos os seus trabalhos, a ironia ferina vem à tona com bastante frequência, sobretudo em momentos nos quais assesta suas baterias contra certos tipos vicejantes na sociedade burguesa, especialmente os apaniguados da politicalha, os néscios e os tolos empavonados de um modo geral. Nesse embate, sua *Fauna contemporânea* é veneno puro e dos mais fortes a combater: “A daninha corja que se arrasta”, conforme diz no soneto à guisa de prefácio do livro, em cujos tercetos empunha sua “*Altiva pena rude e sincera*”, “*Contra as hostes infames sempre em riste...*” e na chave de ouro a deseja, não simplesmente de aço, “*Mas do ignívomo ardor de uma cratera / A que nenhuma têmpera resiste.*” O livro, com um substancial recheio de verrinas e temperado com a ironia característica do autor,



foi prato servido à sociedade natalense de então, atingindo em cheio os seus objetivos: para muitos, a degustação prazerosa; para alguns, a insopitável indigestão.

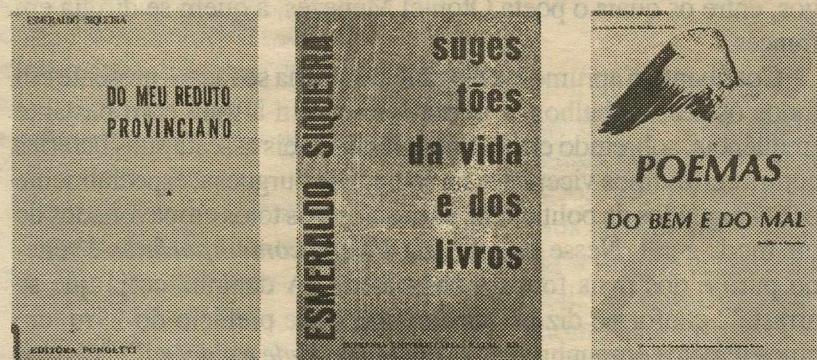
Neste pequeno espaço não seria possível nem mesmo uma resenha mais completa de todos os seus livros, razão pela qual, apenas com informação ligeira, relacionaremos-lhe os títulos publicados. Além dos retro citados, temos ainda *Um boêmio inolvidável*, estudo biográfico sobre a figura do poeta conterrâneo Juvenal Antunes; *Do meu reduto provinciano*, apreciações literárias; *Pleorama e Diário dos meus sonhos*, dois títulos em um só volume comentando anotações de leituras e generalidades do dia-a-dia; *Pretéritas*, poemas onde as palpitações do coração juvenil é o tema predominante; *Variações em prosa*, com assuntos diversos, o que se deduz do próprio título, cujas primeiras cinquenta páginas são ocupadas com matéria objeto de sua famosa polêmica travada com o padre Monte, outro luminar de nossas letras; *Jornada ao crepúsculo* é outro volume onde o mestre, ao correr da pena, nos deleita comentando generalidades, entremeadas com versos; *Poemas do bem e do mal*, volume com 266 páginas e cerca de 200 poemetos, pelos quais se percebe a abrangência de sua temática e a real pujança de sua lira.

Assumidamente ateu, não vislumbra-se, porém, em sua obra, tiradas com blasfêmias petulantes ou atitudes deselegantes de herético desinformado. Suas convicções filosóficas, defendeu-as sempre de modo percuciente e obstinado, contudo sem vitupérios rasteiros. O soneto MORS CHRISTI, síntese do que afirmamos, constitui página de grande beleza estética, até mesmo para os que não comungam a idéia ali contida, mas que o avaliam com os olhos da arte.

O seu sarcasmo, instilava-o misturado a certa dose de humor, de modo que, ao tempo em que ferreteava os merecedores, fazia o deleite de outros, sobretudo dos que lhe compreendiam o espírito superior. O escritor José Melquíades, um de seus pares mais eminentes na Academia Norte-rio-grandense de Letras, falou-me que, numa tertúlia regada a bom vinho, ninguém mais interessante que Esmeraldo Siqueira, pelo seu humor inteligente e sua vasta erudição. A conversa fluía alegre e amena, permeada de lirismo e ironia.

Na minha modesta opinião, Esmeraldo falhou unicamente na pressa com que se fazia publicar, fruto, talvez, de sua irrequieta inteligência, quem sabe, do temor do ineditismo. O fato é que, alguns de seus livros, não poucos, pecam, não pelo conteúdo, pois todos abordando coisas relevantes e bem fundamentadas. Mas pela falta de sistematização no enfeixamento da temática. Inobstante isso, não alçou-se ao cenário nacional, vítima, como tantos, do provincianismo e de sua combativa ojeriza à fatuidade empavonada em todos os quadrantes desta terra descoberta por Cabral e alhures.

Ubiratan Queiroz de Oliveira é escritor, poeta e ensaísta.



Esmeraldo Siqueira deixou uma obra onde se destacam livros como *Do meu reduto provinciano*, *sugestões da vida e dos livros* e *Poemas do bem e do mal*. Os dois primeiros tratam de ensaios sobre autores da província e também de admirações pessoais, como a literatura francesa. No segundo, consignou uma poesia de acento parnasiano

O começo do fim do mundo

José Melquíades

Recentemente a revista *Time*, de Nova Iorque, (6 de agosto) publicou um longo relato de 16 páginas sobre a evolução do mundo há milhões de anos, quando nós éramos macacos com o belíssimo nome de *pitecantropus*. Se o nome era sonoro, nossa imagem era simpaticíssima com feições de orangotango. Afinal de contas, era a imagem de nossos queridos ancestrais pelo que merecem o mais profundo respeito. Na reportagem da revista se diz que um paleontólogo da Universidade de Berkeley, Califórnia, Yonennes Hail-Sellaisse, numa região inóspita da Etiópia, acaba de descobrir fósseis de um macaco, o qual, segundo ele, parece ser restos do mais antigo ancestral assemelhado ao homem.

Esse agora chama-se *Ardipithecus ramidus kadabba*. O nome engenhosamente se relaciona com o dialeto *afar* falado na região. A semântica evolui gradativamente em homenagem à língua local: *ardi*, quer dizer terra; *ramid*, raiz; e *kadabba*, a família do macaco. Era uma vez o *Pitecantropus de Java*.

Kadabba teria vivido 6 milhões de anos atrás, num deserto rochoso chamado Awash. Nada mais sugestivo. Caminhava ereto igualzinho ao homem. Mandeí uma carta ao editor da revista dando as alvíssaras ao cientista e parabenizando os repórteres que lhe deram cobertura. Engrandeci-me com a minha condição de *hominide*, nome bizarro pelo qual os cientistas nos distinguem do macaco nessa evolução simiesca. Daí é que nossa imagem tomou a semelhança de Deus. Um tato des preocupado com a



nossa evolução antropogenésica, dizia eu: ora, quem diabo vai perder tempo com o orangotango de ontem,, responsável pelo homem de hoje, um kadabba que viveu há 6 milhões de anos nas selvas etíopes, quando você eu éramos antipáticos e desajeitados chimpanzés e nossas esposas, simpáticas antropóides! Alimentávamos de bananas e a esposa, de maçã! Andávamos nus e eretos, firmes nos dois pés. Na floresta não havia banheiros ou mictórios para nossas necessidades fisiológicas, mas isso não atrapalhava nem interferia no *modus vivendi* entre os animais. Que perda de tempo tal preocupação.

Que me importa se o mundo começou como bola de fogo ou como um monte de gelo. Que diferença faz se terminará em chamas novamente ou novamente congelado? Quem vai ver isso? Não disponho de tempo para me preocupar se fui macaco ou me preocupar com o fim do mundo. Como sou assalariado, depois do dia 20 minha preocupação é com o fim do mês. Por outro lado, já perdemos muito tempo com os macacos de Darwin. Esse, sem, é que deveria ter-se refugiado na selva para familiarizar-se com os seus avós. Se não o fez, por que fazê-lo eu? Não ficaremos nem mais nem menos instruídos por ouvir dizer que há trilhões de anos aconteceu uma explosão nuclear com o nome de *Big bang*, resultado da desagregação de elétrons, neutros, núcleos e átomos e que desse cataclismo universal formavam-se as galáxias, a via-láctea e a terrinha em que vivemos. Nada perco em ignorar esse arrojo de imaginação que me leva ao caos, ao nada ou ao tudo. Prefiro a dúvida de Camões: *de tanta antigüidade não há certeza*. É Verdade que Camões entendia tanto dos segredos do cosmos quanto eu entendo de sânscrito. Mas sua dúvida é uma afirmativa.

Que benefício ou conforto me traz em saber que ainda dispomos de outros tantos trilhões de anos para o fim do mundo? Razão tinha o Eclesiastes: *stultarum infinitum numerus est* – infinito é o número dos tolos. E o que fica além da imaginação não me interessa, como não me interessa a metafísica, *trans naturam*, o que está além da razão. Mas o que é que além da natureza, pergunta-se; e quem souber, que responda. Apenas não me convence.

Que benefício ou contribuição trarei à causa da humanidade se me quedo a pensar que meus ancestrais foram macacos e um deles engatinhou os primeiros passos há 6 milhões de anos numa floresta da Etiópia? As narrativas apocalípticas ou escatológicas bíblicas foram crenças e invenções absurdas esposadas por profetas contemplativos e imaginosos sem nenhum proveito para a humanidade. Nada útil ou positivo resultou. Tudo se esvaziou na retóricas dos absurdos ou na mitomania imaginativa. Essas descobertas de fósseis ou do homem-macaco primitivo têm o mesmo efeito. Se você acha que seus ancestrais foram macacos, conserve sua cauda pênsil agarrada ao galho da sua árvore genealógica e pendure o corpo de cabeça para baixo o tempo que lhe convier. Eu é que não disponho de tempo para essa ginástica simiesca. Isso é o mesmo que perguntar ao galo quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha. Resulta numa adivinhação de cunho infantil: *o que é, o que é...* somos filhos de Adão e Eva?

Peço sempre a Deus que me afaste dos cientistas e mais ainda dos macacos. Esses cientistas paleontólogos vivem num mundo de sonhos e ilusões. Macacos que os mordam. Melhor que se preocupassem seriamente em descobrir melhores condições de vida humana para os que ainda vivem nesse mundo de contrastes, miséria, fome e outros imprevistos causados pela violência, a insegurança e o desrespeito à pessoa humana. Esqueçamos os 6 milhões de anos passados e habitados pelos nossos ancestrais antropomórficos.

José Melquíades de Macedo, norte-rio-grandense, escreveu, entre outros, *Saturnino*, *Cascudo* e o *Clube dos Inocentes*, *Os EUA*, a *mulher e o cachorro*, *A morte do goitizeiro* e *História do Seminário de São Pedro*.

Natal deslumbrante

Pery Lamartine

Ao recorrer a memória, a fim de localizar o tempo da minha primeira visita a Natal, chego a 1934. Naquele ano, ainda criança, passei uma temporada nesta Capital, freqüentando uma escola de alfabetização da Prof. Alice Petit, localizada à rua 13 de maio, hoje Princesa Isabel, já bem perto do Baldo. Daquele período há um fato que jamais vou esquecer: foi a primeira vez que consegui ler e compreender um texto completo de um livro infantil adotado na escola.

Morava na casa de uma tia na rua Trairi, onde hoje está o Edf. Ewerton Cortês. Um casarão térreo, numa área bastante ampla, onde se mantinha até uma vacaria.

A rua Trairi, iniciava na Praça Pedro Velho e só ia até a Av. Hermes da Fonseca; toda ela era uma só campina onde a garotada jogava “pelada”. Os populares ainda chamavam aquela área



de SOLIDÃO (o nome Petrópolis ainda não havia pegado).

Anos depois retornei a Natal, já bem mais amadurecido e com uma razoável capacidade de apreciar as coisas. Cheguei na "Sopa" do Seridó; o acesso a cidade era pela antiga estrada de Macaíba. Foi um deslumbramento!... Uma estrada piçarrada cheia de buracos, sinuosa, contornando os manguesais, a velha ponte dos Guarapes, o bairro das Quintas com suas vacarias, a 'curva da morte', a ponte das lavadeiras, a ponte ferroviária de Igapó, foram as primeiras imagens que me impressionaram.

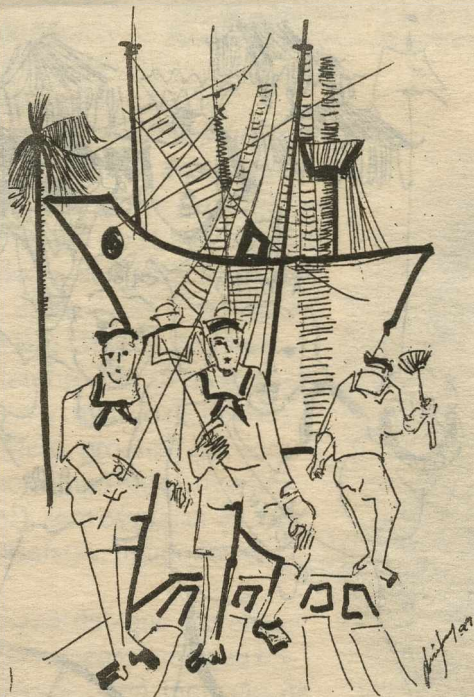
Fui estudar no velho Atheneu da Junqueira Aires, ao tempo em que o Prof. Celestino Pimentel era o Diretor, com toda aquela sua exigência de fardamento completo, desde o quéri, a gravata e as meias pretas. Da balastrada tinha-se uma vista deslumbrante: o Forte dos Reis Magos com seu farol intermitente, o porto com navios ancorados, algumas bóias luminosas no meio do rio, os botes à vela navegando, os aviões comerciais pousando e decolando na foz do Potengi.

À medida que avançava na idade, ia descobrindo a cidade, por etapas: a travessia nos botes da Redinha, o rio Doce, praias do Meio e Ponta Negra, a visita ao Forte dos Reis Magos, o bairro de Santos Reis com suas festas populares (Pastoril e Boi do Rei); o bairro da Ribeira com suas vielas mal freqüentadas e impróprias para menores, o Teatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão), o bairro de Tirol e o Aero Clube com festas afamadas da Sociedade, Petrópolis e a Mata Atlântica cobrindo os morros adjacentes; o bairro do Alecrim com a "Feira da Mangueira", onde hoje é a Praça Gentil Ferreira, o hotel Caiana na mesma praça, ponto de hospedagem dos caminhoneiros, dos sertanejos que visitavam a Capital e o Ponto de Partida da "Sopa" do Seridó; o bairro de Lagoa Seca com seu belíssimo Baobá, uma secular árvore-monumento, trazida para este lado do Atlântico pelos escravos, um documento vivo daquela mancha social havida no Brasil e finalmente a cidade como um todo. Este patrimônio só fazia aumentar a minha paixão pela cidade.

Quando criei asas passei a voar para longe; habitei outras cidades também encantadoras mas o meu espírito já havia sido conquistado. A força de atração natalense sempre me trazia de volta. Aqui implantei a minha base da atividade profissional, de onde partia para o "além-mar", também fazia as minhas "descobertas" mas sempre retornava ao solo natalense.

Hoje, Natal, com mais de 400 anos, mantém aquelas características próprias que encantam aos seus moradores e aos que aqui chegam, apesar do progresso avassalador que impõe as suas regras.

Pery Lamartine, natalense, é autor de *Velhas oiticasas*, *Epopéia nos ares*, *Eclipse - estórias da aviação*, entre outros livros.



CRIMES PERFEITOS

Carmen Vasconcelos

Uma divertida e movimentada história policial, vivida em Belo Horizonte, é a nova aventura de Eduardo da Cunha Júnior, personagem criado pelo escritor Cunha de Leiradella, português radicado no Brasil, inesgotável criador de gente com muita personalidade e suas histórias de vida, contadas em romances, peças e contos. Este seu "Apenas Questão de Método" editado em Portugal, pela Editorial Caminho, diz a que veio. Já chega premiado (prêmio Caminho de Literatura Policial) e vem trazendo ares bem refrescantes ao geralmente tão denso caminho do suspense.

Divertido sim, mas também uma excelente oportunidade para o leitor refletir. Leiradella retoma o personagem que nasceu com "O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior", publicado no Brasil em 1987, pela editora Nova Fronteira. Era a história de um publicitário na cidade do Rio de Janeiro, 40 anos, mulher, filho, um alto executivo que só suportava o emprego graças ao também alto salário, terapia três vezes por semana e tranqüilizantes para dormir. Vivia ele numa intensa solidão, experimentando um dia a dia marcado pela impossibilidade de comunicar-se com os outros.

Eduardo era então, principalmente, um homem sozinho, e sozinho ainda é. Mudou de profissão em diversos romances escritos pelo seu criador: foi dramaturgo, vendedor de livros, engenheiro, jornalista; mas sua principal característica é um tipo de solidão que surge da constatação de ser impossível a real comunicabilidade com os outros, mesmo sendo esses outros as pessoas com quem mais de perto convive. E uma outra característica de Eduardo é a agudeza nas deduções sobre o comportamento humano e suas contradições. Agora, detetive, ele vai até



"Mesmo para quem não conhece o Eduardo da Cunha Júnior de romances anteriores, o romance 'Apenas questão de método' é de deliciosa plenitude"

Belo Horizonte investigar desvios financeiros que estão acontecendo numa grande empresa. Belo Horizonte, onde mora o escritor Leiradella, é uma cidade desconhecida para Eduardo. E lá, entre executivos de hábitos curiosos e belas secretárias, Eduardo exercita mais uma vez sua perspicácia.

Este romance policialesco dá espaço também ao exercício do amor, quando Eduardo conhece uma moça viciada em álcool e drogas, com quem trava uma relação lírica e algo melancólica. Talvez aí, nessa relação onde há um despojamento de certas capas e máscaras humanas, talvez aí se possa encontrar aquilo que o autor diz procurar quando escreve: “os porquês, as causas determinantes dos atos de cada um”. Talvez aí se vislumbre a verdade buscada pelo escritor através de sua obra e então essa relação acabe por se constituir numa espécie de fronteira entre a crença e a descrença na possibilidade de plena comunicação humana. Mas essa relação é uma ilha de sinceridade e desnudamento entre os encontros protagonizados por Eduardo; é justamente a impossibilidade de compreender os outros e ser compreendido por eles, a fonte das angústias existenciais do personagem, presentes no “Longo Tempo”.

No atual cenário do romance brasileiro, é bom encontrar escritores realmente criativos, com estilo marcante e sedutor. É o caso do criador de Eduardo da Cunha Júnior, mais conhecido por sua participação no teatro, pois foi ele um dos fundadores do TUCA e um dos introdutores da estética do absurdo no país. Seu estilo peculiar de escrever, contudo, domina bem o conto e o romance, além do drama. Diz que só não comete versos. Quem leu sua ficção atesta, a prosa viceja cada vez mais à medida em que nela se avança, a força da escrita cresce com o desenrolar das histórias.

Mesmo para quem não conhece o Eduardo da Cunha Júnior de romances anteriores, o romance “Apenas Questão de Método” é de deliciosa plenitude. E o protagonista também aparece inteiro, dá-se a conhecer, página a página, mostra suas manias, seus valores, idiossincrasias. Neste romance ágil, Eduardo parece ter feito viagens, e ele fez, de fato, e quer contá-las. Fez a viagem do Rio a Belo Horizonte e fez uma viagem na vida e prossegue fazendo e levando o leitor a repensar os seus próprios caminhos. Encanto e desencanto, obrigatoriamente um emaranhado, são a própria intimidade de Eduardo, e fazem o narrador, em primeira pessoa, aventurar-se na linguagem, criar sua própria linguagem, um dialeto que permite expor e esconder sentimentos, ao mesmo tempo.

Como Eduardo da Cunha Júnior, o leitor é chamado a decifrar. Decifrar como é isso de se ter lirismo entremeado de ironia, deci-



O detetive Eduardo da Cunha Júnior em atividade, numa concepção do artista plástico Iran Pereira

frar a simplicidade das recordações da infância confrontadas com a hipocrisia da sociedade, o sentido da vida mergulhado na falta de sentido, e personalidades bem originais perdidas entre padrões de comportamento já cristalizados pelo dinheiro e posição social.

O livro “Apenas Questão de Método” foi lançado na mais recente bienal do livro, em maio, no Rio de Janeiro. Está novíssimo mas promete um longo tempo de vida. Vem somar-se à sólida obra de seu autor no terreno da ficção, uma das melhores no panorama literário brasileiro, mesmo que ainda não seja bastante conhecida.

Apenas Questão de Método
182 págs,
de Cunha de Leiradella
Editorial Caminho - Lisboa

Carmen Vasconcelos, norte-rio-grandense, escreveu *Chuva ácida* (poesia).

CANÇÃO DO OUTONO

De Poèmes Saturniens
De Paysages tristes
À Catulle Mendès

CHANSON D'AUTOMNE

Paul Verlaine

Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone

Tout suffocant
Et blême, quand
Sonne l'heure,
Je me souviens
Des jours anciens
Et je pleure;

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
Feuille morte.

CANÇÃO DE OUTONO

Longos soluços
que os violinos
no Outono tângem
afligem-me o coração
com diáfana
monotonia.

Eles sufocam
e empalidecem
à hora extrema
meu coração
depois que os anos
passados em pranto
o magoaram.

E eu me vou
levado no alvoroço
desse mau tempo
que há passado
pra lá e pra cá
como folha morta
arrastada pelo vento

Paul Verlaine

1998

Tradução livre de Celso da Silveira



CANÇÃO DO OUTONO

À chegada
do Outono
os violões
tocam soluços
intermitentes
e monocórdios.

O coração dilacerado
curtido em sonhos
de anos passados
do próprio canto
recolhe o pranto
tão magoado.

No alvoroço
desse entretempo
vou indo ao léo
como o rolar
de folhas mortas
dançando ao vento
até o céu.

Paul Verlaine

1998
Tradução livre de Celso da Silveira

CANÇÃO DE OUTONO

Estes lamentos
Dos violões lentos
Do outono
Enchem minha alma
De uma onda calma
De sono.

E soluçando,
Pálido, quando
Soa a hora,
Recordo todos
Os dias doudos
De outrora.

E vou à-toa
No ar mau que voa,
Que importa?
Vou pela vida,
Folha caída
E morta.

Tradução de *Guilherme de Almeida*
Paralelamente a Paul Verlaine

SP, Livraria Martins Editora, 1944

CANÇÃO DO OUTONO

São longos sons
de violinos
o meu outono,

Banham-me o coração
de lânguida
monotonia,

Tão sufocante
é o seu tanger
no decorrer das horas,

Lembram-me
tempos de outrora;
deixam-me choroso

E me transportam,
no movimento do vento
– a lá e a cá –
como balouçam
as folhas mortas.

02.07.2001
Tradução livre de Celso da Silveira

(In memoriam de Luís Carlos Guimarães)

CANTO DE OUTONO

A asma
Desses violinos
Outono a dentro
Ressoa em meu peito
Numa indolência
Sem fim

Em agonia e
Amarrotado quando
A hora toca-me
Fico recordando os dias
antigos
- E choro

E vou-me assim
Ao vento vagabundo
Que me empurra
Para-lá-e-para-cá
Como se eu fosse:
- Folha morta

1998
Tradução de Eli Celso



As irmãs

Nilson Patriota

Na casa azul da esquina
Por onde cedo eu passava
Duas moças de corpete
Duas irmãs pestanudas
Com leves braços erguidos
Ligeiras mãos me acenavam.

Uma dizia te quero
Outra te quero dizia
E assim me disputavam
Na doce luz da manhã
No ocaso triste da tarde
Quando eu ia, quando eu vinha.

Se volúvel eu as trocava
Pelos afagos de outra
A mais moça então chorava
Enquanto a outra sorrindo
Fazia com que eu soubesse
Ser ela a que me amava.



II

Longos cabelos tinha a que sorria
Em mechas derramadas sobre os seios
Seus olhos de brilho macio
Fertilizavam a raiz de meus anseios.
Suas mãos de ourives trabalhavam
Meu corpo magro, desvalido e chão
Entre a greda e a rocha procurando
Veios auríferos, gemas preciosas
Mas só cascalho e ganga recolhendo
Para proveito de seu coração.

Era mais vegetal que mineral
A irmã que sorria e me amava.

A que chorava tinha longos cílios
Olhos de agro negror tão melindrado
Que mesmo em dia de contentamento
Raivosos traços inda os perturbavam.
Seus dedos, quais pedúnculos nodosos
Em vez de acarinhar me magoavam
Sua boca travosa me vencia
Seu olhar de maldade me rendia.
À primeira eu chamava de Ventura
Da segunda o nome era Amargura.

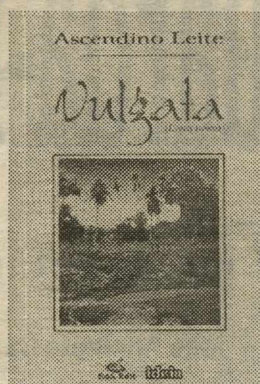
Essas duas os sonhos me fanaram
Meu jovem coração dilaceraram
Pois o tempo passou como um ciclone
Que a tudo destroi e a tudo mata
Levando o vendaval a que sorria
No gélido sopro de sorte avara e má.
Então a que chorava me pensou a mágoa
Lavou-me a alma com seu pranto árido
Beijou-me as pálpebras com travosos lábios
Tomando posse de meu ser frustrado.

Sem perder um segundo, trabalhou-me:
Roubou-me o sonho, matou-me a fantasia
Com vão apelo o coração ferindo
De frio pranto foi-me enchendo a alma
Pondo em meu rosto um lastimoso olhar.
Zombou de meu amor com riso cínico
De minha dor sorriu com sórdido desplante
E, pouco a pouco, consumiu-me a calma.
Era mais mineral que vegetal
A irmã que chorava e não me amava.

Na casa azul da esquina
Por onde cedo eu passava...

MISCELÂNEA

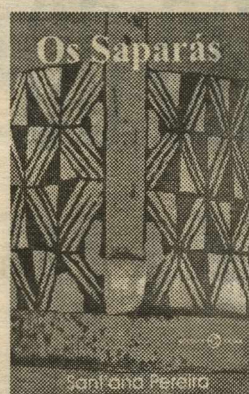
Ideia Editora
João Pessoa/PB
2001



O incansável Ascendino Leite prossegue em sua metamorfose poética que nunca cessa de provocar surpresas, agradáveis. Agora, ele surge com *Vulgata*, uma combinação de poesia e prosa que alterna uma e outra, ao longo de 30 textos. Com isso, atende àqueles que admiram sua poesia (inúmeros) e que amam sua prosa (incontáveis). *Vulgata* tem assim, algo dos jornais literários que o distinguiram e lhe asseguraram um lugar de destaque nas letras brasileiras. Tem também a poesia do autor de *O nariz de Cíntia*. O segredo é que Ascendino Leite faz prosa com poesia e vice-versa. Basta ver o título do seu último diário: *Caracóis na praia*. De onde Ascendino contempla seres tão raros? Será sua amada praia de Cabo Branco, ou numa cabo Branco imaginária? O certo é que isso é coisa de poeta. É provável que essa primeira *Vulgata* seja o início de uma série de livros, a exemplo do que acontece com seus jornais literários. *Vulgata* traz ainda um belo estudo sobre Ascendino Leite de autoria do crítico Hildeberto Barbosa Filho, cujo título é exemplar: "A paixão de ver e sentir".

ROMANCE

Editora Cejup
Belém do Pará
2001



A partir de uma descoberta casual - uma carta que dá conta da existência dos índios Saporás, que teriam sido "cataquezidos há mais de trzentos anos pelos padres jesuítas" - o escritor paraense Sant'Ana Pereira mergulha fundo do imaginário amazônico e recria por intermédio dos seus próprios e fecundos recursos imaginativos a existência dos Saporás. O resultado é um romance instigante, que trata dos problemas da Amazônia real sob o manto da ficção: campanhas políticas, intrigas políticas, mas também intervenções míticas colhidas diretamente aos moradores mais antigos da região, como a versão saporá do dilúvio bíblico que, ao contrário deste, precisa da intervenção de Iroucan, o demônio, para fechar as comportas do céu. Diante dos méritos narrativos de Sant'Ana Pereira e sua fidelidade a seu ambiente, o romancista Nicodemos Sena profetiza: "O destino de Os Saporás é sair pelo mundo e, chamando a atenção das pessoas para o que acontece no pedaço mais cobiçado do planeta: a Amazônia. A editora Cejup fez bem em promover essa magnífica viagem".

ENSAIOS

Editora Boitempo
São Paulo/SP
2001



Passado o boom do conto brasileiro da década de 70, é hora de ler os contistas da década de 90, e o convite é essa "Geração 90", que nos dar a oportunidade ler autores contemporâneos (todos), inclusive cinco nordestinos, entre 17 autores. ao final da leitura, cada leitor fará sua própria seleção dos melhores, mas a aviação final terá sempre um cômputo positivo, se considerarmos questões como criatividade, novidade formal, ousadia, desenvolvimento do argumento e outros que ajudam a separar os bons dos maus autores. Nessa saturação de estilos, há aqueles que se mantêm presos aos padrões da narrativa habitual, atualizando-os com os anseios do nosso tempo. É preciso fazer justiça a Cíntia Moscovitch, a Rubens Figueiredo e a Mauro Pinheiro, exemplos de narradores seguros da responsabilidade de acrescentar ao legado dos clássicos novos temas, variações novas. Pedro Salgueiro, Marcelo Mirisola e Marcelino Freire investem na economia de recursos, com resultados também interessantes. Enfim, o livro dá uma mostra do vigor dos novos autores brasileiros.

Correio d'Galo

Fortaleza, 15 de outubro de 2001

Prezado Nelson Patriota:

Recebi dois exemplares da excelente edição de julho/2001 de O GALO, dedicada à memória do saudoso poeta Luís Carlos Guimarães. Edição impecável, à altura dos méritos do grande poeta. Você e os demais intelectuais que integram o corpo de redatores do suplemento fizeram um belíssimo trabalho. Estou certo de que o poeta, lá do "assento etéreo" sonhado por Camões, deve Ter exultado pela calorosa homenagem a ele prestada pelos seus companheiros.

O abraço amigo do
Francisco Carvalho

Porto Alegre (RS) - 14.01.2001

Muito prezado Nelson

Tenho recebido esse magnífico jornal "O Galo", o qual qualifico como a melhor publicação (que conheço) no gênero literário. Motivado por isso, tomo a liberdade de remeter (à sua abalizada apreciação) meu último livro, "Construtores da liberdade", em que analiso a luta de dois jornalistas pela liberdade de imprensa, no mundo.

Incluo também três poemas, que gostaria de vê-los criticados pelo nobre colega potiguar. Se o desejar, também pode transcrever no "O Galo", que muito me alegrará.

Receba um forte abraço do gaúcho

Raul Quevedo

Chapecó (SC) 10.10.2001

Prezados Senhores,

Recebi e agradeço o jornal O GALO, ns. 05, 06 e 07, como sempre repletos de matérias da mais alta magnitude literária. Vocês estão realmente de parabéns!... Que continuem assim, sempre iluminados, são os meus sinceros desejos!

Um grande abraço para toda a equipe.

Do amigo e admirador

Silvério Costa

Contagem, M.G 10.10.22201

Prezado Sr.

Nelson Patriota,

Editor do jornal O GALO

É com grande alegria que tenho a oportunidade de me comunicar agora com o senhor. Meu nome é Taciana Alves de Faria, sou mestrandia da UFMG, e estudo Fogo Morto, de José Lins do Rego. Tive um estudo meu publicado n O Galo, número 4, referente ao mês de maio de 2001. Foi uma honra muito grande e uma emoção para mim ver o texto publicado. Foi minha primeira publicação e espero não parar por aí. Moro em Belo Horizonte, mas estive em João Pessoa, por ocasião das comemorações do centenário de José Lins, em junho. Foi quando recebi o jor-

nal.

Gostaria de parabenizá-lo pela edição, principalmente pelo encarte dedicado ao autor paraibano, e saber o que tenho que fazer para receber O GALO a partir dos próximos meses. Seria possível? Daria-me um imenso prazer. Gostaria também de me informar a respeito de outras possíveis publicações. Quais os procedimentos que tenho que tomar, o que deveria fazer, enfim, acho que me empolguei, desculpe-me pelo entusiasmo.

De qualquer forma, passo meu endereço para eventual comunicação: Taciana Alves de Faria R. das Indústrias - 904 - Novo Eldorado - Contagem - MG - 32341-490

Desde já agradeço sua atenção

Taciana Alves Faria

Palmas, Tocantis 20 de setembro de 2001

Sr. Editor,

Agradeço profundamente a remessa do jornal O GALO. Gosto imensamente de lê-lo. Desta vez está imperdível, pois traz um encarte especial sobre José Lins do Rego, meu escritor predileto, inclusive denominei a minha biblioteca com seu nome, tamanha é minha admiração pelo maior romancista brasileiro de todos os tempos muito grato.

Atenciosamente,

Juarez Moreira Filho

Ode ao espelho do velho guarda-roupa

(Ao espelho que refletiu a imagem fugidia de minha infância)

José Anchieta Cavalcanti

Contemplo-o!

No mesmo e amarelado guarda-roupa de antigamente

E, ali, o menino projetou-se em homem

Já decadente...

Postei-me ereto, tentando recompor o ontem

E as brumas do passado ofuscaram o espelho

Eu vi meu pai rezando contrito de joelhos

E vi minha mãe beijando os meus longos cabelos!

São tantas as imagens que ali estão ocultas

De todos que se foram para distâncias mil

Que ao fitá-lo, assim, em meu cotidiano

Já não sei mais se sou, se fui ou me perdi

O casarão renasce, quando o olho de mansinho

E as sombras dos ausentes ressurgem como em sonho!

E, eu, fitando o espelho em gestos de ternura

Aos poucos, lentamente, minha imagem recomponho!

José Anchieta Cavalcanti é